

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE JORNALISMO

DARLANNY RIBEIRO DA SILVA

A INFLUÊNCIA DO JORNALISMO LITERÁRIO NA PRODUÇÃO DO LIVRO
TODO DIA A MESMA NOITE

Maceió

2023

DARLANNY RIBEIRO DA SILVA

**A INFLUÊNCIA DO JORNALISMO LITERÁRIO NA PRODUÇÃO DO LIVRO
*TODO DIA A MESMA NOITE***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof.^a Dra. Janayna da Silva Ávila

Maceió

2023

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale CRB-4/661

S586i Silva, Darlanny Ribeiro da.
A influência do jornalismo literário na produção do livro todo dia a mesma noite /
Darlanny Ribeiro da Silva. – 2023.
63 f. : il.

Orientadora: Janayna da Silva Ávila.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso - Jornalismo) – Universidade
Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Curso
de Jornalismo. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 61-63.

1. Jornalismo literário. 2. Narrativas. 3. Tragédia. 4. Humanização. I. Título.

CDU: 070.488

AGRADECIMENTOS

A jornada de produção deste trabalho foi desafiadora ao mesmo tempo que também gratificante, falar desse tema com paixão e muito interesse em contribuir com que outros pudessem conhecê-lo.

Nessa caminhada, algumas pessoas foram importantes para que eu pudesse chegar a conclusão. Sinto orgulho de mim por não desistir, ter enfrentando um período pandêmico e continuado na graduação, buscando entregar o meu melhor.

Sou grata pela fé que mantive em Deus, seu cuidado, condução e proteção que senti em todo o processo. Agradeço aos meus pais pelo apoio, Eliana e Gerson, minha mãe que sempre me incentivou, fez a garota do interior conseguir pagar ônibus para ir à faculdade, me ensinou a ser forte e foi a melhor parceira nos dias difíceis. Ao meu pai sempre orgulhoso da minha trajetória.

Agradeço a minha namorada, Ana Luiza, por sempre estar ao meu lado, ser apoio, força e luz para que eu concluísse essa jornada. Não posso esquecer dos meus colegas de cursos, pelas boas risadas em momentos de angústia, por serem bons amigos que levarei para além da graduação.

Sou feliz e grata pelos amigos que fiz na vida, Ellen, Layane, Letícia, Ananda e tantos outros representados aqui por essas amigas especiais que apoiaram minha graduação, manifestaram palavras de incentivo sempre que podiam e se mostraram presentes em minha vida independente da distância.

Agradeço a minha orientadora Janayna Ávila pelo aceite, paciência e dedicação comigo nesse longo processo, durante a graduação foi exemplo de empatia e incentivo para que eu sempre espelhasse o melhor de mim na vida e carreira acadêmica.

Esse trabalho não poderia ser concluído sem citar e agradecer a jornalista Daniela Arbex pelo relato da história da boate Kiss, seu trabalho minucioso e delicado que resultou na obra que analiso, seu empenho e profissionalismo é exemplo para estudantes e futuros profissionais do jornalismo.

RESUMO

O presente trabalho examina o livro *Todo dia a mesma noite* por meio de uma análise documental, da jornalista Daniela Arbex, que conta a história da tragédia ocorrida na boate Kiss em Santa Maria, Rio Grande do Sul, em 2013. Ao mesmo tempo, analisamos a interferência do jornalismo literário na produção dessa narrativa e qual a contribuição que sua participação fornece para o estudo do gênero na atualidade. Nossa fundamentação teórica sustenta-se, sobretudo, na definição trazida por Pena (2006) para jornalismo literário, apontado pelo autor como “estrela de sete pontas”, e nos estudos de Borges (2013), que traça um caminho da história do gênero, reconhecendo seus pontos de divergência e concordância em relação ao jornalismo e à literatura. Desse modo, torna-se possível compreender como a obra estudada tornou-se influenciada pelo jornalismo literário.

Palavras-chave: Jornalismo literário; narrativa; tragédia; humanização.

ABSTRACT

The present work examines the book *Todo dia a mesma noite*, by the journalist Daniela Arbex, which tells the story of the tragedy that occurred at the Kiss nightclub in Santa Maria, Rio Grande do Sul, in 2013. At the same time, we analyze the interference of literary journalism in the production of this narrative and what contribution its participation provides to the study of the genre today. Our theoretical foundation is based, above all, on the definition brought by Pena (2006) for literary journalism, pointed out by the author as a “seven-pointed star”, and on studies by Borges (2013), which traces a path in the history of the genre, recognizing their points of divergence and agreement in relation to journalism and literature. Thus, it becomes possible to understand how the studied work became influenced by literary journalism.

Keywords: Literary journalism, narrative, tragedy, humanization.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	ABORDAGEM TEÓRICA.....	11
2.1	A narrativa do jornalismo literário.....	11
2.2	Representação do jornalismo literário.....	13
3	JORNALISMO LITERÁRIO E SUAS PARTICULARIDADES.....	15
3.1	Características do Jornalismo Literário.....	16
3.2	Literatura para o Jornalismo Literário.....	20
3.3	Subjetividade no Jornalismo Literário.....	22
3.4	Reportagem em profundidade: relação entre fontes e escritores.....	26
4	JORNALISMO LITERÁRIO DA ATUALIDADE.....	32
4.1	Escrevendo sobre fatos marcantes.....	32
4.2	Análise da obra <i>Todo dia a mesma noite</i> a história da Boate Kiss.....	37
4.3	Influência do jornalismo literário no livro <i>Todo dia a mesma noite</i>	42
4.4	Imersão do repórter em cena.....	45
5	MOBILIZAÇÃO CONTRA O ESQUECIMENTO.....	49
5.1	A construção da memória.....	50
5.2	Internacionalização do caso Kiss.....	55
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
	REFERÊNCIAS.....	62

1 INTRODUÇÃO

Podemos encontrar nas livrarias de qualquer cidade, alguns livros que utilizam o jornalismo literário como opção para a construção das suas histórias, sejam elas realidade ou ficção.

O jornalismo literário é o gênero que percorre a escrita apresentando seus traços, por meio dos detalhes quadro a quadro, que aguçam a imaginação do leitor, da mesma maneira que também utiliza o padrão do jornalismo, indo direto às suas fontes e ouvindo-as, para assim retratar cada história com fidelidade.

Nesse universo, muitos fatos da realidade ganharam um espaço para sua narrativa, como aconteceu com a tragédia da boate Kiss, um incêndio em janeiro de 2013 na cidade de Santa Maria no Rio Grande do Sul, que causou a morte de 242 pessoas e deixou feridas mais de 600, despertando o interesse público sobre o que havia motivado a morte de tantos jovens dentro da casa de show.

Desse modo, se faz necessário observar e analisar a força do jornalismo literário no livro *Todo dia a mesma noite: a história não contada da boate Kiss*, da jornalista Daniela Arbex, para compreender como ele foi influenciado pelo gênero no percurso de formação do livro, tanto nos acontecimentos da história como na relação entre a autora e seus entrevistados e fontes, durante a narrativa da tragédia.

O livro é composto de 16 capítulos, possui 240 páginas, foi dividido em três partes, onde a primeira recorda como aconteceu a tragédia, a segunda relembra a luta de familiares e amigos para identificar as vítimas e a última parte fala sobre o luto e justiça.

A escolha por sua análise se deu pela forma como conta a história do incêndio da boate Kiss, a riqueza de informações, a humanização no lidar com histórias sensíveis e o profissionalismo em construir essa obra, despertam o interesse ao estudo da sua influência no gênero do jornalismo literário.

Daniela Arbex é um jornalista que se destaca por sua busca em contar histórias marcantes, autora de diversos livros, o caso da Kiss não é o primeiro em sua abordagem, a autora já visitou acontecimentos sensíveis na história do Brasil, mas a escolha pelo relato da Kiss, se faz pela aproximação e repercussão do caso e como a obra deu visibilidade ao caso e foi voz para as famílias.

A repercussão do acontecimento não atingiu somente Santa Maria, a cidade onde ocorreu o incêndio da boate Kiss, mas todo o Brasil ficou comovido visto o impacto do ocorrido. A visibilidade do caso abriu um alerta a sociedade, para que fosse dada mais atenção ao examinar as casas de show pelo país, a fim de que casos como esse jamais voltassem a acontecer.

Esse impacto também esteve em pauta na construção do livro, que se dedica a abordar a fundo como se deu a avaliação dessa boate antes do ocorrido, quais seriam os responsáveis por tais irregularidades constatadas e os caminhos que seguiram para que isso não se repetisse em nenhum outro lugar do país.

Nessa perspectiva, a escolha por examinar o livro já citado anteriormente e assim analisar a relação entre jornalismo e literatura presente nele, descrevendo quais elementos do jornalismo literário estão presentes nessa narrativa, como o jornalismo literário tradicional com todas suas características se renova nessa obra e mantém-se atualizado em novas escritas, principalmente aquelas que envolvem fatos marcantes e tragédias.

Utilizando também a análise de pesquisa documental, que se refere nas falas da autora após a conclusão e divulgação do livro, onde ela revela como foi esse processo de escrita, a relação criada com as fontes e sua experiência de ter presenciado a reconstrução da tragédia diante dos olhos de quem a viveu de perto e sofreu a dor da despedida de entes queridos.

Dispomos da pesquisa qualitativa ao analisar algumas matérias que repercutiram o caso durante a semana em que ele ocorreu, em comparação a escrita de Arbex aprofundada pela escrita jornalística literária, por fim o objetivo se dá em apresentar como a escolha pelo gênero forneceu um caminho de humanização ao texto, em uma narrativa que originalmente carregava fortes momentos de dor, sofrimento e angústia.

Desta forma, fica evidenciado a importância de compreender como o jornalismo literário caminha por temáticas como a apresentada, que envolve questões delicadas e sensíveis à comunidade, como também apresenta a necessidade de esclarecimento.

De forma singular, o jornalismo literário firma raízes em narrativas como a estudada nessa pesquisa, através da sensibilidade de sua escrita em herança da literatura e mediante as habilidades de apuração, investigação e entrevistas que advém do jornalismo. Juntas trazem consigo características do jornalismo literário que vem influenciar a forma de construção do texto para a preservação da memória.

2 ABORDAGEM TEÓRICA

Este trabalho destina-se a examinar por meio das contribuições de Pena (2006, Borges (2013) e Lima (2014) a história do jornalismo literário, sua colaboração para o jornalismo no Brasil, como também a influência em temas marcantes e principalmente no livro da jornalista Daniela Arbex, *Todo dia a mesma noite*, que conta a história do incêndio na boate Kiss em 2013.

Como citado anteriormente, alguns estudiosos que nortearam a fundamentação teórica deste trabalho foram, o professor Felipe Pena com o livro *Jornalismo Literário*, em uma análise da relação entre jornalismo e literatura, como também características do jornalismo literário por meio da teoria da “estrela de sete pontas”.

Outra base para o estudo foi o jornalista Edvaldo Lima, em *Jornalismo Literário para Iniciantes* com sua pesquisa sobre a história do jornalismo literário e a reprodução dela em diversas temáticas.

Para tratar sobre a representação na atualidade e influência do jornalismo literário nas obras atuais foi utilizado o livro de Rogério Borges *Jornalismo Literário: teoria e análise*.

O objeto central do estudo foi o livro *Todo dia a mesma noite* por meio dele foi possível fazer uma análise documental da obra, relacionar as características presentes na apuração, na relação da autora com as fontes e encontrar alinhamento ao conceito do jornalismo literário, averiguando suas particularidades e comparando com a abordagem do livro.

Para que dessa maneira pudesse analisar a interferência do jornalismo literário na produção dessa narrativa, qual a contribuição que sua participação fornece para o estudo do gênero na atualidade e como possibilita uma construção textual mais humanizada.

2.1 A narrativa do jornalismo literário

O jornalismo literário tornou-se conhecido por intermédio da humanização que transmite através de seus textos, isso porque em suas características ele constrói uma narrativa com a intenção de aproximar-se do leitor. Esse campo vem inovar

dentro do jornalismo tradicional, como apresenta Borges (2013) em seu livro *Jornalismo Literário: teoria e análise*.

O Jornalismo Literário, na acepção de um discurso detentor de alteridade suficiente para fissurar regras e técnicas rígidas, tem esse espírito de avanço, num elogio à amplitude da informação, à sua contextualização mais dinâmica e menos óbvia. (BORGES, 2013, p. 183).

A tarefa de definir o gênero é difícil, pois muitos jornalistas, pesquisadores e escritores o determinam ao seu modo e percepção. Principalmente pela junção do jornalismo e literatura, dois termos com significados particulares onde “[...] a única alternativa é propor uma aproximação conceitual” (PENA, 2006, p.20).

O conceito abre portas para além da redação, fornecendo uma experiência única ao jornalista, como cita Pena (2006) em seu livro *Jornalismo Literário*.

[...] Não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem. O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira. (PENA, 2006, p.13).

Dessa forma, também é possível observar as características apontadas pelo autor para o gênero, fundamentação ao qual chamará de “estrela de sete pontas” devido os sete itens distintos que a compõem. Eles são, em primeiro a potencialização dos recursos fornecidos pelo jornalismo, segundo ir além dos acontecimentos cotidianos, terceiro fornecer riqueza de detalhes para construção da visão, quarto ser espaço para ação de cidadania, quinto não se limitar ao padrão do lead, sexto evitar rotular e definir primariamente pauta, personagem e histórias e por fim, sétimo proporcionar conhecimento profundo do relato.

Juntas, todas essas características possibilitam a definição do gênero, enquanto através de sua presença na lida jornalística pratica-se o jornalismo literário.

Compreender quais as camadas presentes no gênero é fundamental para reconhecer os exemplos passados e atuais de sua expressão, revelando as marcas

que carregam e como se adaptou em diferentes formas, permanecendo na essência do jornalismo literário.

2.2 Representação do jornalismo literário

A construção da sua trajetória do jornalismo literário é essencial para compreender onde e como se encontra atualmente nos exemplares de sua representação dentro da comunicação.

O mais importante, porém, é a sua admissão de que ‘deve-se notar [...] que se esses gêneros são inerentes ao discurso jornalístico, é também certo que eles podem mudar com o tempo, de acordo com a própria evolução da tecnologia dos suportes, com as modas vigentes em relação à maneira de contar, de analisar, de entrevistar, de debater’. (Charaudeau, 2007, p.210-211 *apud* BORGES, 2013, p.75).

As mudanças que afetaram o jornalismo literário foram acontecendo em diversos momentos da história. No Brasil, suas particularidades surgiram por influência do New Journalism e agregaram ainda mais valor às produções brasileiras, principalmente nos livros-reportagens, sendo necessário também conhecê-las para ser possível mensurar o peso que fornecem para escritores e leitores.

No Brasil, o livro-reportagem tem desempenhado um papel fundamental de porta de entrada ao jornalismo literário para muita gente que está chegando à profissão. [...] No final da década de 1980 e nos primeiros anos da década seguinte, quando o jornalismo literário está praticamente esquecido nas redações da imprensa, é em torno do livro-reportagem, nas instituições de ensino, que a chama se sustenta. (LIMA, 2014, p. 79).

Nas representações do jornalismo literário, o vínculo entre jornalistas e fontes torna-se fundamental para a construção da produção, pois é nele que começa a humanização pelo narrar e ouvir.

O dever profissional do jornalista literário é sempre com a narrativa, estando atento para descrever o melhor e mais fiel ao relato que escuta, de modo que não sejam apenas as suas impressões, mas que as emoções de quem relata fiquem em primeiro plano e se tornem experiências de “[...] alguém que nos conta, em última instância, suas memórias” (CASATTI, 2006, p.80).

Quando acontece de algumas memórias serem construídas baseadas em acontecimentos históricos, que marcam a sociedade de forma trágica, como a da Boate Kiss em Santa Maria - Rio Grande do Sul, os caminhos para construir uma reportagem são dados com cautela, respeito à fonte e principalmente à história.

O descrever desse relato pode revelar segredos, reviver sofrimentos e levantar as injustiças que se escondem por trás das tragédias. Nesse momento o dever do jornalista não é esconder o que encontra, apenas mostrar os fatos para o público.

O que difere as narrativas da realidade do texto de ficção é a base das histórias, elas são criação de seus escritores e acontecem segundo a imaginação do autor. Em contrapartida, o literário quando utiliza de fatos da realidade se dedica somente a ela, tornando-se um desafio para os jornalistas, como reafirma Lima (2010) ao falar do gênero.

Para que o texto seja capaz de contar histórias reais com a riqueza de sentidos típicas de como as coisas de fato acontecem, o jornalismo literário precisa esmerar-se. Por isso trabalha um bom conjunto de ferramentas e procedimentos narrativos - técnicas de como contar as histórias -, alguns deles originários do próprio jornalismo, outros procedentes da literatura de ficção. [...] O jornalismo literário sabe que seu desafio é particularmente complexo, pois produz narrativas bem articuladas, mas está limitado pelos elementos que a realidade lhe dá. (LIMA, 2010, p.17).

Assim, será possível analisar qual a influência que o jornalismo literário exerce ao abordar a história da boate Kiss, a partir do livro *Todo dia a mesma noite* (2018) da jornalista Daniela Arbex, responsável por encontrar sobreviventes, familiares e demais participantes desse fato que tocou todo o país, e ouvindo os envolvidos, reconstruir as cenas do dia da tragédia até alguns anos depois.

Diante disso, traçaremos um percurso do jornalismo literário em recortes de sua história, poder e influência sobre as narrativas, investigando sua presença no relato da boate Kiss, tanto de personagens quanto da autora que se faz presente na narrativa, para, assim, desenvolver os relatos com impressões e elementos característicos descritos na trajetória do gênero em questão.

3 JORNALISMO LITERÁRIO E SUAS PARTICULARIDADES

Para o jornalismo literário possuir a forma que hoje encontramos em seus textos, percorreu-se antes o jornalismo tradicional nos meios de comunicação de vanguarda: jornais e revistas. Ocorre que, enfrentar o jornalismo tradicional em vigor foi um ato divisor para os escritores de jornalismo literário, haja vista o costume de lidar com os fatos que pediam agilidade, noticiabilidade e atualidade dentro do cotidiano de uma equipe de redação.

Nesse cenário, nasceu o jornalismo literário para romper a barreira da escrita tradicional, a partir, por exemplo, da pregação da verdade dos fatos, abrindo espaço para jornalistas que se identificavam com um tipo de produção textual ligado à narrativa humanizada, social e emocional das histórias, algo não comum naquela época. Essa transformação causada pelo jornalismo literário pode ser verificada adiante da sua definição do estilo:

Assim, defino Jornalismo Literário como linguagem musical de transformação expressiva e informacional. Ao juntar os elementos presentes em dois gêneros diferentes, transformo-os permanentemente em seus domínios específicos, além de formar um terceiro gênero, que também segue pelo inevitável caminho da infinita metamorfose. (PENA, 2006, p. 21).

Logo, entende-se que o jornalismo literário é um estilo textual advindo da combinação entre jornalismo e literatura. Por volta da década de 1960, nos Estados Unidos da América (EUA), surgem os primeiros jornalistas a caminhar por essa tendência nos veículos de imprensa norte-americanos, tais como: Truman Capote, Tom Wolfe e Gay Telese.

Não demorou muito para o jornalismo literário chegar ao Brasil. De maneira que, com um modo particular de produzir seus textos, a revista Realidade (1966) tornou-se o berço desse gênero no país. Com o uso de técnicas literárias, suas matérias abusavam dos casos mais aprofundados, mas sem esquecer dos elementos jornalísticos em suas construções, o que causava interesse e chamava muita atenção de bastante pessoas por ser algo diferente, isto porque:

[...] são precisamente as diferenças que marcam esse tipo peculiar de jornalismo, quando comparado aos padrões mais conhecidos, que lhe dão uma identidade, toda própria, uma força comunicativa poderosa e uma qualidade estética notável. (LIMA, 2010, p. 11).

Assim, ainda que em passos lentos, sob críticas e afagos, o jornalismo literário continuou a prosseguir e se desenvolver com narrações de novas histórias, ocupando espaços importantes para se tornar um estilo particular, admirável e com características únicas.

Desse modo, ao estudar como essa fusão entre jornalismo e literatura se tornou um importante estilo ao longo do tempo, considerando as características lhe impostas pelo passado, busca-se realizar uma análise do papel do jornalismo literário na atualidade.

3.1 Características do Jornalismo Literário

Salienta-se que, mesmo sendo originado de dois elementos singulares, o jornalismo e a literatura, o jornalismo literário construiu características e personalidade próprias. Por isso, passou a ser reconhecido como estilo único, tanto devido à sua escrita, como pela elaboração de obras que se materializaram nessa prática, de maneira que:

O Jornalismo Literário situa-se em uma posição média desses dois sistemas de elaboração simbólica do mundo, ancorando-se na competência discursiva do jornalismo e navegando na potencialidade criadora da literatura. (BORGES, 2013, p. 238).

Concretizando-se, assim, como uma prática de escrita que une redação jornalística ao texto narrativo, que no início de sua formação (EUA/1960) ficou e se mantém conhecida como Novo Jornalismo. Poucos anos depois, ao chegar no Brasil, ainda carregava aspectos de origem, como, por exemplo, a subjetividade e a construção de histórias mais detalhistas e aprofundadas.

Porém, inicialmente, a inserção desse modelo em redações tradicionais não foi bem vista, observando-se certa resistência quanto à apresentação de textos mais humanizados e criativos. Isto porque, naquela época, a sociedade possuía uma preferência por narrativas factuais e notícias objetivas, diariamente em um ciclo repetitivo e padrão da mídia.

Nesse viés, Borges (2013) afirma o seguinte:

[...] Ele [Jornalismo Literário] vem sendo encarado como um produto misto, situado em uma perigosa zona fronteira em que a principal função do jornalismo poderia estar sob risco por conta de possíveis influências exacerbadas da literatura e de seu espírito criativo sobre o discurso da informação. Para os defensores da objetividade jornalística como um

patrimônio, essa relação pode se tornar promíscua e deturpadora. (BORGES, 2013, p. 178).

Gradualmente conheceu-se o papel social que o jornalismo literário tem, algo além de apenas informar: provoca reflexão e discussão acerca da narração exposta, busca apresentar o fato como realmente aconteceu, investigando, ouvindo testemunhas, pesquisando fontes confiáveis e traçando um caminho da história a ser contada, com antes, durante e depois.

Nessa conjuntura, é possível afirmar que se assemelha ao jornalismo tradicional, o qual utiliza técnicas investigativas para sua produção. Todavia, o jornalismo literário não se prende à construção de narrativas pregando a verdade, trazendo somente uma única perspectiva do fato ocorrido para a sociedade, uma vez que este também constrói histórias por meio de representações da imaginação de seu escritor. Tal é o ensinamento de Borges (2013):

No jornalismo, a verdade é a dos fatos, dos acontecimentos ocorridos e verificáveis, balizados e legitimados por testemunhos idôneos, que possam ser provados. [...] Na literatura, por seu turno, essa regra é subvertida em favor do caráter estético e criador de quem escreve. É o terreno da ficção, em que a invenção, seja em que medida ela for, está autorizada. (BORGES, 2013, p. 115).

Sendo assim, os adeptos da ficção não deixam de lado as características desse estilo, nem mesmo as particularidades que o jornalismo tradicional agrega, a exemplo da apuração dos fatos, a fala dos envolvidos, comprovação da informação, investigação e etc. Porém, escrevem com acréscimos de inovação em suas explanações, procurando trazer criatividade e originalidade em seus textos, que logo depois, podem se tornar livros.

Em contrapartida, a fidelidade às narrativas da realidade também está presente na produção do jornalismo literário, ao descrever acontecimentos. Em vista disso, percebe-se que:

[...] quem conta sua história ao jornalista – quer seja sobre as sensações que estão tomando conta do corpo no quase instante da fala, sobre um bombardeio que começou poucos minutos atrás ou uma guerra que terminou há anos –, sempre está falando a partir de uma percepção. (CASATTI, 2006, p. 78).

Ou seja, quando se conta sobre a visão do outro, ouvindo relatos, apurando e investigando, não é possível dizer que se trata da verdade absoluta, porque ao

construir narrativas baseadas no real, estas são escritas a partir da perspectiva de quem as vivenciou, trazendo partes das histórias com detalhes que apenas seus olhos e emoção captaram.

Nesse cenário, visando conhecer os personagens de cada história, o repórter em cena escuta e transcreve, une as suas apurações de antes e depois do fato, vai a fundo em sua realidade, observando e guardando todo detalhe revelado, para somente depois passar ao leitor o mais próximo possível o que ele também vivenciou, com recortes da história que vão sendo trazidos de volta, recordado por suas testemunhas.

Por consequência, pode-se considerar também que: “[...] quando alguém se dispõe a narrar uma história para o jornalista, a história a ser narrada não estava de antemão pronta na mente de quem narra, mas vai se construindo no próprio contar” (CASATTI, 2006, p. 80).

As histórias no jornalismo literário atuam com a verossimilhança e, por este motivo, o estilo recebeu críticas ao desapegar, em certo grau, da realidade fática, não se prender ao *lead* e abandonar o superficial, indo a fundo no que conta, seja fato ou ficção. Nesse sentido, observa-se que:

As rupturas propostas pelo Jornalismo Literário imbuem-se desse espírito, não destruindo o compromisso com uma verdade apreensível e verificável no relato do mundo, mas sim colocando sob suspeita a ideia de que só existe uma verdade a ser relatada e que está é imutável, totalmente tangível e livre de contaminações, ainda mais quando situada no nível do discurso e da representação pela linguagem. (BORGES, 2013, p. 124).

Isto posto, verifica-se que o jornalismo literário busca sentir, transmitir e incluir o leitor no que foi vivenciado. Ao invés de apenas dizer, ele prefere mostrar e revelar o que está além das manchetes, isto é, aquilo que não ocupa nenhum lugar de visibilidade, tornando-se, assim, um estímulo para enxergar mais do que se vê, uma porta aberta, pois:

Enquanto o jornalismo convencional noticioso conta histórias de um modo geralmente simplificado, reduzido em relação à realidade que lhe corresponde, o jornalismo literário procura ser mais completo [...]. O texto tende a ser menos impessoal, não evita a emoção, como acontece muitas vezes no jornalismo convencional. A vida pulsa no jornalismo literário com toda a sua intensidade. (LIMA, 2010, p. 17).

Ocorre que, por fugir do objetivo em suas produções e alinhar com emoções pessoais de seu autor, abusando da subjetividade, o jornalismo literário busca uma

ruptura com o jornalismo tradicional (BORGES, 2013), motivando críticas dos adeptos do segundo, o qual é transmitido por meio da objetividade.

Mesmo em meio a críticas, o jornalismo literário cresceu e se expandiu em suas formas de escrita, tais como coluna, perfil, livro-reportagem, editorial, adquirindo, aos poucos, presença nos principais jornais e revistas.

Com sua presença crescendo em jornais e revistas pelo Brasil e no mundo, esse estilo de escrita se tornou mais aceito e compreendido como parte do jornalismo, sendo possível perceber que: “No final da história, apesar das oposições, o Jornalismo Literário consolidou-se.” (CASATTI, 2006, p. 25).

Ultrapassando as paredes e obstáculos do convencionalismo de veículos de comunicação, com seu objetivo final de atingir os leitores, o jornalismo literário estava mais próximo desses, sem carregar as críticas das redações, momento ideal de causar o impacto para o qual fora construído, ser mais humano e pessoal na demonstração de suas narrativas.

A partir disso, com as informações presentes no texto, o leitor recebe uma visão mais ampla do acontecimento que estampa os sites e dos detalhes que não estão presentes em nenhuma notícia. Essa forma de ir mais longe é o que lhe faz diferir e também ser escolhido por quem o lê, isso:

A apresentação desses fatos no texto é capaz de produzir uma emoção no leitor que o ajuda a compreender o ocorrido para muito além dos números de vítimas. A experiência real das pessoas é exposta, sendo capaz de provocar uma compreensão mais efetiva da significância do ocorrido por parte dos leitores. (ROSA; LIMA, 2019, p. 10).

Nesse estilo jornalístico, as ideias não vêm somente do que os noticiários deixaram de contar, mas dos anônimos na sociedade, das lacunas presentes em uma região, de pessoas comuns e suas histórias, além de pontos de vista nunca contados. Logo, tudo o que a sociedade vivencia é motivo de exposição para jornalismo literário, seja para denunciar, revelar ou refletir.

Percebe-se que a intenção da escrita jornalística literária está presente nos textos quando observamos um gênero que se atenta aos detalhes, repassa a realidade de seus personagens de forma profunda e aborda temas com funções não somente para seus escritores, mas para o leitor.

Diante disso, Pena constata que: “[...] quando escolher um tema, deve-se pensar em como sua abordagem pode contribuir para a formação do cidadão, para o

bem comum, para a solidariedade [...]” (2006, p. 14).

Portanto, verificou-se que as características do jornalismo literário, advindas da literatura e jornalismo, torna-se matéria-prima para textos realistas que desafiam as barreiras do factual e erguem-se sob novos olhares capazes de entender a função de refletir e debater o que esse estilo traz.

3.2 Literatura para o Jornalismo Literário

Para a formação do jornalismo literário, além da importante participação das características do jornalismo, a literatura é uma peça fundamental que distribuiu suas propriedades nas criações desse novo estilo de escrita. Logo, não pode ser considerado apenas uma extensão dos termos, mas sim uma renovação na linguagem que se utiliza desses elementos, de modo que:

[...] é importante para sublinhar que o Jornalismo Literário não deve ser visto como equivalente ao jornalismo tradicional e a literatura, uma vez que esses discursos geradores participam ativamente de sua gênese, mas não definem, unicamente, sua formação própria e autônoma. (BORGES, 2013, p. 85).

Da literatura, foi incluída no jornalismo literário a humanização dos textos, acrescentando emoção e uma visão maior do momento narrado, características que se desdobram numa escrita rica em detalhes, atenta aos passos e falas de seus personagens, transmitindo em cada palavra uma experiência que traz o leitor ao lugar da cena descrita.

Não se encontra um conceito definido sobre o que seria literatura, porque assim como o jornalismo, ela também renova e se molda ao seu escritor e mais ainda ao tempo e o objetivo em que é utilizada. Porém, seus traços deixados pelo tempo permanecem ativos, em especial, na ligação forte com as palavras, sua expressão estética e uma forma de falar mais sensível.

Sendo assim, “[...] quando, através de um texto é possível criar um efeito estético, isto é, quando se consegue produzir no leitor a sensação de prazer, de emoção, ou outro sentimento, podemos dizer que estamos perante um texto literário.” (SANTOS, 2017, p. 6).

Nesse viés, observa-se que no jornalismo literário não está presente uma literatura que se aproxima do campo das artes, como ela se dava em seu início, mas uma forma de literatura renovada que carrega a intenção de emoções e sentimentos

em seus textos, os quais sempre tiveram uma ligação particular com a literatura.

A partir da união com o jornalismo, a literatura se completou com técnicas e tradições para contar histórias reais ou de ficção, do tempo presente e do passado, surgindo, aos poucos, o jornalismo literário.

Ocorre que, “o namoro com a literatura existe desde o começo, pois foi na arte literária, muito mais antiga, que o jornalismo encontrou respostas técnicas, narrativas, de como articular melhor um texto, como já vimos.” (LIMA, 2010, p. 50).

Apesar de a literatura estar presente em manifestações artísticas, na forma de adaptações para o teatro e o cinema, foi na escrita que ela firmou suas raízes e fez sua história com livros, poemas e poesias, narrando memórias cheias de sentimentos e emoções, semelhante ao jornalismo literário que se apresenta em produções textuais, tais como livro-reportagem, grandes reportagens, perfis e colunas nas revistas ou jornais de sua época até hoje. É o que ensina Borges (2013):

O jornalismo, em sua histórica ligação com a literatura, também encontra no texto escrito a sua origem e seu principal pilar, ainda que tenha se expandido para outras mídias. Em reforço às escolhas metodológicas, lembre-se que as grandes expressões do Jornalismo Literário manifestaram-se na imprensa escrita ou por meio de livros. (BORGES, 2013, p. 17).

Devido às suas propriedades, a literatura foi vista nos sinais de jornalismo literário dentro das redações apenas como uma expansão da literatura, anulando a união desses dois gêneros nos textos advindos da autoria de jornalistas que escolheram o jornalismo literário como sua principal forma de escrever.

Esse é um dos motivos para, no início, ele ter sofrido com barreiras nos jornais e revistas, por exemplo, pois alguns profissionais da comunicação não entendiam esse novo estilo de escrita e buscavam maneiras de invalidar sua construção. Nesse sentido, recorda-se que:

Ele, [Jornalismo Literário], no entanto, geralmente é muito atrelado à imagem de um texto excessivamente elaborado, redigido por alguém com interesses mais literários que jornalísticos e, não raro, contestado por não ser tão preciso, pois haveria em seu cerne uma perigosa carga de subjetividade. (BORGES, 2013, p. 15).

A subjetividade da literatura, também presente no jornalismo literário, foi e continua sendo alvo de protestos e contestações por aqueles que acham que o

jornalismo deve ser preciso e objetivo, ou seja, não pode se envolver com subjetividade ou criação artística, campos da escrita que não se misturam no pensamento desses críticos.

Mas o jornalismo literário mostrou almejar novas áreas no jornalismo, haja vista sua escrita ousada e inovadora para criar ligação com o humano nos relatos de histórias sensíveis e tocantes ao escritor, como também ao seu público que, cada vez mais, despertava interesse por esse gênero textual.

A aceitação da literatura no jornalismo foi construída a passos lentos. Contudo, quando os veículos de comunicação entenderam que precisariam se renovar para manter o interesse do público leitor, gerou-se uma oportunidade para o jornalismo literário, mesmo que, inicialmente, com textos para o impresso.

Nesse cenário, o que possibilitou uma evolução razoável foi a chegada das novas mídias que cederam espaços para escritores apresentarem seus textos, visando valorizar aquela mídia em que estariam presentes e chamar atenção para ela, mas ainda sim considerou-se mais uma oportunidade para o estilo, o qual teve seus altos e baixos ao longo da história, sendo assim:

As reportagens literárias voltaram a ser valorizadas como produto mais associado aos jornais e revistas impressos, vistas como esforço de contextualização e interpretação da informação numa linguagem bem cuidada, agradável e interessante. (BORGES, 2013, p. 15).

A aceitação de sua existência estava crescendo, embora o espaço para distribuir suas produções ainda era escasso e construído gradualmente, conforme os jornalistas iam compreendendo melhor sua natureza, o modo como a mídia a via, a forma pela qual se apresentava e ganhava maior aceitação pelo público, entre outros. Todos esses fatores foram decisivos para que a junção do jornalismo e literatura formasse o gênero textual que se conhece atualmente como jornalismo literário.

3.3 Subjetividade no Jornalismo Literário

Desde os primórdios do jornalismo prega-se que a objetividade, veracidade e imparcialidade são características fundamentais em qualquer expressão do jornalismo, de maneira que o jornalista não deve abrir portas para a subjetividade porque, se assim o fizer, não fará jornalismo. De acordo com Borges (2013), essas particularidades construíram um embate entre objetividade e subjetividade na escrita

de matérias jornalísticas:

Fonte geradora da discussão quando se fala em construção da realidade por meio do discurso noticioso, a objetividade jornalística é também lembrada nas críticas feitas ao Jornalismo Literário, tachado de perigosamente subjetivo e muito próximo de invencionices que corromperiam aquela que deveria ser a verdadeira preocupação da imprensa, ou seja, manter-se neutra e imparcial perante os acontecimentos. (BORGES, 2013, p. 43)

Porém, essa fidelidade à verdade jornalística dos fatos não prevaleceu na prática, como de fato se fala e espera, uma vez que as notícias são construídas à base de testemunhos, relatos e fragmentos de informações vivenciadas por alguém que esteve em cena ou apenas presenciou, tornando não ser possível manter veracidade exata e total dos fatos. Assim, diz-se que:

Não há discurso puro e imune a subjetividades, mas há intenções no discurso e, se o propósito é levar ao leitor um texto que seja o mais fiel possível ao mundo relatado, não obstante as inegáveis interferências do autor, do meio, das testemunhas e das fontes da narrativa, a verossimilhança deixa de ser um instrumento estético-literário para se transformar em elemento de confirmação dos objetivos daquela enunciação, corroborando sua credibilidade. (BORGES, 2013, p. 233).

Essa é uma nova forma que o jornalismo literário traz para enxergar a história e sua objetividade, mesmo em meio a subjetividade, através da verossimilhança. Isto porque: “A dedução, a vivência e a verossimilhança fazem parte de seu instrumental narrativo, sem culpas, com o firme propósito de informar, mas de uma maneira mais criativa e até transparente.” (BORGES, 2013, p. 205).

A verossimilhança é uma aliada do jornalismo literário para narrar histórias de uma realidade construída sem nenhum aspecto de ficção, mas também pode ocorrer na elaboração de ficção. Porém, aqui, a ênfase se encontra sob a realidade dos fatos para o jornalismo, frente à realidade da história, de modo que:

Na reconstrução jornalística, o elemento da verossimilhança ou do efeito do real atua de maneira diferente que na literatura, uma vez que não se tem a intenção de falar de “algo que poderia ter sido”, mas de “algo que foi”, mesmo que sob determinada visão. (BORGES, 2013, p. 232-233).

A colaboração da verossimilhança para o jornalismo literário, o qual retrata a não ficção, busca, por meio da subjetividade, evidenciar uma narrativa que esteja perto da realidade dos leitores. Por tal motivo, se apegua a detalhes em ações dos personagens, das cenas e em perguntas mais profundas, colaborando com a

confirmação do que é retratado e aguçando a imaginação do seu leitor em cada detalhe realçado.

Em vista disso, a subjetividade é um espaço que permite contar histórias sobre fatos particulares sem partir do comum dos noticiários, mas através daqueles que são escondidos pela sociedade. Então, as linhas peculiares da subjetividade permitem ao jornalista literário escrever aquilo que ele observa, como também o que está no mundo e precisa de voz para ser intensamente compreendido, sentido, seja a dor, a ausência ou a tristeza de alguém.

Para tanto, o escritor que toma a voz de repórter investigativo nos relatos de não ficção vai ao encontro à história que será contada, pesquisando dados e evidências com o objetivo de validar o que está sendo relatado por suas testemunhas, que comprovem a história e transbordem uma narrativa que precisa ser ouvida para campos além das barreiras da notícia.

Por isso, “a subjetividade não pode ser entendida como algo meramente interno, pessoal, do campo da vida privada – a subjetividade é também formada por um ambiente histórico dado, objetivo.” (MORAIS, 2019, p. 209).

Assim, o jornalismo literário foca em manter o compromisso de intermediar os acontecimentos da realidade utilizando recursos literários como a subjetividade para complementar a sua proposta de ser profundo e particular, sem menosprezar ou usar seus fragmentos para ridicularização, mas prezando pelo respeito em cada relato que traz uma lição, logo:

É aqui que o jornalismo de subjetividade nos é útil como ferramenta, ao empregar uma abordagem não espetacularizada sobre tais grupos; ao procurar trazê-los sem enquadrá-los como exóticos, engraçados, vítimas ou violentos; ao não tornar repórteres como heróis e/ou heroínas, salvadores, enquanto essa pobreza é figurante. (MORAIS, 2019, p. 212).

Nesse viés, o jornalismo literário transforma o ambiente de trabalho no momento em que a subjetividade traz para o jornalista o exercício de refletir, uma vez que, na maioria das vezes, não há espaço no cotidiano dos meios de comunicação tradicionais para pensar qualquer coisa que não seja estruturar sua matéria em linhas limitadas de um lead e com critérios de noticiabilidade pré-estabelecidos pela linha editorial do jornal.

É por meio da escrita jornalística literária que o jornalista expõe seu lado mais humano, como observa o mundo e dá voz a temas importantes.

No jornalismo literário o repórter é um escritor, portanto autor. Antes de tudo, porém, é um ser humano. Como tal, tem sentimentos, comove-se com as coisas que vê, tem reações como todo mundo. Não fica 'em cima do muro', como se pudesse manter uma postura neutra, impossível e intocável 'vendo a banda passar'. (LIMA, 2010, p. 23).

A abordagem de temáticas que não vemos diariamente em sites, jornais e televisão é o conteúdo de interesse do jornalismo literário. Essa é uma de suas características: tocar leitores através de temas esquecidos ou tratados de maneira banal na sociedade, enquanto promove espaço para o debate social em temáticas relevantes à sociedade.

Frisa-se que a funcionalidade da subjetividade no jornalismo literário está estritamente ligada à construção da opinião pública, mas sua história também esteve presente em produções de romances, biografias, contos e muitos textos produzidos para serem lidos, não discutidos.

Entretanto, a vertente de questionamentos e exposições das vidas por trás dos muros esteve bastante presente nos jornais que começaram a investir no jornalismo literário através de pessoas e acontecimentos que mereciam não somente a atenção do repórter, mas precisavam relatar fatos que, sem aquele espaço, não teriam vivido novos capítulos. E, diante disto:

Para que o texto seja capaz de contar histórias reais a riqueza de sentidos típicas de como as coisas de fato acontecem, o jornalismo literário precisa esmerar-se. Por isso trabalha um bom conjunto de ferramentas e procedimentos narrativos - técnicas de como contar as histórias -, alguns deles originários do próprio jornalismo, outros procedentes da literatura de ficção. [...] O jornalista literário sabe que seu desafio é particularmente complexo, pois produz narrativas bem articuladas, mas está limitado pelos elementos que a realidade lhe dá. (LIMA, 2010, p. 17).

Nesse sentido, a particularidade do estilo jornalístico literário está em se diferir dos demais estilos na comunicação, por isso, por meio da subjetividade como uma forma de fugir do sensacionalismo estruturado nos meios de comunicações tradicionais, assim como a obrigatoriedade de seguir a linha editorial. Por consequência, o jornalista que assume a escrita jornalística literária possui maior liberdade e autonomia para escrever sobre temas que fogem do comum, da trivialidade.

Desse modo, o jornalista não se envolve com a realidade visando extrair dela recortes para gerar audiência, mas para denunciar e expor o que ainda não foi contado, seja a história de uma família, de um acidente, tragédia ou o perfil de certo

personagem. São relatos expostos com um complemento mais forte de emoção e profundidade, pois “[...] o gênero em questão viabiliza a produção de reportagens mais profundas, com uma postura humanizada, por meio da liberdade de estilo e abordagem avessa à dinâmica técnico-burocrática predominante hoje no jornalismo.” (CORSI; DEMÉTRIO, 2015, p. 3).

Nessa perspectiva, o jornalismo literário volta-se para traços que Pena (2006) já havia descrito como fortalecedores dos recursos do jornalismo e assim, produzir utilizando as técnicas que o jornalismo fornece e um pouco mais, para entregar mais que somente notícias, onde a subjetividade tornar-se peça fundamental para a construção desse ideal do jornalismo literário.

Apesar dos embates que essa característica do estilo trouxe, seu objetivo não é de confrontar o jornalismo tradicional, mas ser uma nova forma de enxergar as notícias em muito além de seus *leads*. Tanto que Morais (2019, p. 207) afirma: “jornalismo de subjetividade, termo nascido não para fazer uma oposição ao objetivo, mas sim como uma forma de demarcar a importância do subjetivo, historicamente rechaçado no campo noticioso”.

Recorda-se, mais uma vez, que, pela visão que o jornalismo tradicional abordou a respeito de que ser subjetivo era inválido, a aceitação do jornalismo literário encontrou dificuldades, dentro e fora das redações. Ocorre que, o tempo passou e essa discussão continua, apesar de fatos atuais contribuírem para que a prática de um jornalismo subjetivo seja aceita. Isso porque foi se levantando o papel da construção social do jornalismo por seus jornalistas. Observe-se:

Assim, orientar pautas, abordagens, escritas e enquadramentos com esses pressupostos não significa estar com os sentidos embotados pela emoção: ao contrário, significa estar também guiado por critérios dados no mundo sensível. Ou devemos ignorar o meio no qual vivemos e do qual extraímos nossas temáticas? (MORAIS, 2019, p. 209).

Portanto, conforme os adeptos do jornalismo literário cresciam dentro das redações, a subjetividade presente nessa escrita era percebida como um dever social necessário à prática do jornalismo.

3.4 Reportagem em profundidade: relação entre fontes e escritores

Diante do exposto, faz-se necessário analisar uma das representações mais presentes nesse estilo: a reportagem em profundidade, uma forma de jornalismo que

se caracteriza por ir além das informações superficiais e tradicionais. É um tipo de reportagem que busca investigar e analisar um determinado assunto de maneira minuciosa, mergulhando nos detalhes e contextos relevantes.

Embora a reportagem em profundidade, o livro reportagem e o jornalismo literário compartilhem algumas características em comum, cada um possui suas particularidades.

A reportagem em profundidade, como mencionado anteriormente, é um formato jornalístico que busca investigar e analisar um determinado assunto de maneira minuciosa, indo além das informações superficiais. É um trabalho jornalístico mais extenso e detalhado, que exige pesquisa aprofundada, coleta de dados e análise crítica. A reportagem em profundidade visa fornecer uma visão mais completa e contextualizada do tema abordado, mas ainda se mantém dentro dos limites do jornalismo, priorizando a objetividade e a precisão dos fatos.

O jornalismo de aprofundamento é uma técnica trazida da literatura para se informar e gerar reflexão através da disponibilização do maior número possível de recursos comunicacionais, posicionamentos, análises e explicações, a fim de fornecer ao leitor um cenário de segurança e legitimidade da informação. Com fontes qualificadas, visões multidisciplinares e cobertura bilateral, o jornalismo aprofundado visa a formação de leitores e a fidelização desses: não é todo mundo que tem costume de ler um longo texto, então descobre-se quais recursos são necessários para prender a atenção do leitor para que ele descubra cada vez mais sobre assuntos relevantes. (LIDE, 2018).

Por outro lado, o livro reportagem é um formato mais longo e elaborado, que permite ao autor explorar um tema com maior profundidade e extensão. Ele combina elementos do jornalismo investigativo com técnicas literárias, buscando contar uma história real de forma envolvente e narrativa. O livro reportagem tem a liberdade de explorar o aspecto emocional e subjetivo dos eventos, buscando criar um impacto emocional no leitor.

Já o jornalismo literário, embora possa incluir elementos de reportagem em profundidade e livro reportagem, é um estilo jornalístico que se destaca pela sua abordagem literária, combinando técnicas e recursos literários, como descrições vívidas, diálogos, personificações e outras figuras de linguagem, para contar histórias reais de uma maneira mais artística e esteticamente agradável.

Em resumo, a reportagem em profundidade se dedica a investigar e analisar um assunto de maneira minuciosa dentro dos limites do jornalismo tradicional. O livro reportagem expande esse formato, permitindo uma exploração mais longa e

elaborada do tema, combinando técnicas jornalísticas com narrativa literária. Já o jornalismo literário é um estilo jornalístico que se vale de técnicas literárias para criar uma experiência de leitura mais rica e artística.

Assim, o jornalismo de profundidade se encontra muito próximo ao jornalismo literário, tanto em seus objetivos como nas representações da história de seus personagens, com envolvimento fiel à apuração no fortalecimento da relação entre autor e fonte.

Em geral, repórteres especiais consideram o processo jornalístico envolvido na apuração da reportagem em profundidade como a etapa mais prazerosa de todo o trabalho, quando entram em contato com histórias e personagens. A maneira como detalham essa transformação da informação até chegar ao público aponta uma aparente recusa em seguir regras muito rígidas ou fixas, numa demonstração de como o processo é dinâmico, marcado por imprevistos e situações inesperadas. (MOSER, 2021, p. 299)

Mostra-se que o uso da reportagem em profundidade está associado ao interesse de entregar para o público um conteúdo completo que apresenta informações mais amplas da história em questão, de modo a oferecer aos leitores a possibilidade de construir sua opinião.

Em toda demonstração do jornalismo, só se torna possível construir produtos informativos, investigativos e reflexivos com a participação daqueles que estão ao lado da história, a fizeram ou presenciaram as fontes. É o que ensina Corsi e Demétrio (2015, p. 10) ao afirmarem que “valendo-se da interação entre as narrativas jornalística e literária, o repórter valoriza as fontes, que passam a se comportar como personagens para a construção de um jornalismo humanizado”.

A reportagem estabelece uma relação de proximidade entre fontes e escritores, a qual não se caracteriza como íntima, pessoal, mas aguçada e profunda, onde o repórter escritor que ouve o relato possui a liberdade de interrogar e investigar para construir a credibilidade e transcrever os fatos narrados sob a perspectiva do que ouviu, não somente de um personagem, mas de vários para construir os diferentes ângulos da história.

Torna-se indispensável estudar esse vínculo entre repórter e fonte que perpassa a reportagem e o jornalismo literário, alcançando leitores com textos mais humanizados e relatos profundos de acontecimentos que são mais densos do que um texto em site de notícias. É o que ensina Borges (2013):

Para se falar de alguém ou de um fato, o Jornalismo Literário não se satisfaz em descrever superficialmente o ocorrido ou determinada pessoa e

sim busca entendimentos mais completos sobre o que ou quem está tratando em construções de perfis que, aprofundados, se assemelham à elaboração dos personagens de ficção. (BORGES, 2013, p. 230).

Sendo assim, para que o jornalista domine o momento entre ele e a fonte, toda a sua carga de conhecimento sobre o acontecimento relatado, experiência e prática do jornalismo em sua carreira tornam-se ferramentas essenciais para o desenvolvimento desse diálogo.

Na reportagem em profundidade, cada detalhe torna “[...] as personagens e o espaço retratado palpáveis ao leitor, ou seja, possibilitam a narração de histórias, a partir da descrição cena a cena e da construção de diálogos significativos.” (CORSI; DEMÉTRIO, 2015, p. 7).

Cabe ao escritor capturar todos os detalhes do episódio, a disposição do lugar, características estéticas, sentimentos e cores, seguindo em transcrição para um texto rico em minuciosidade, pois tudo é relevante e a entrega ao leitor de um relato mais completo é a função do jornalista.

A conversa com as fontes para extrair profundidade é um encontro que se baseia na imersão do repórter e o que ele ouvirá, onde terá que lidar com razão e emoção, no equilíbrio de estar presente ali para escutar e em seguida narrar, momento no qual seus sentimentos não podem atrapalhar a condução do diálogo.

No Jornalismo Literário, quando o repórter começa a contar como se deu determinada ocorrência, em deslindar um acontecimento, ele assume o papel de agente principal da enunciação. No jornalismo tradicional, esse agente é, em larga medida, ocultado. Na literatura, ele tem margem para assumir muitas outras funções no texto (narrador onisciente, personagem central, voz narrativa neutra). (BORGES, 2013, p. 247).

Para que o texto seja uma descrição profunda da história em questão, a forma com que é apresentada também impõe validação, por isso a reportagem é o gênero jornalístico escolhido para contar as histórias no jornalismo literário. Então, importa reforçar o seguinte:

Nesta gama de gêneros jornalísticos, o Jornalismo Literário se apresenta, com mais frequência, na grande reportagem. A reportagem é um registro jornalístico do mundo, de maior amplitude que a notícia cotidiana, em geral elaborada de forma mais narrativizada e que busca ser mais abrangente em relação ao fato, à história e aos personagens de que trata. (BORGES, 2013, p. 77).

A reportagem tornou-se um alicerce para o jornalismo literário, uma vez que sua estrutura contribui para a presença da profundidade nas narrativas. Nesse cenário, conforme Pena (2006), apenas o real factual é representado na reportagem, seja na veracidade ou na verossimilhança, o qual busca pela contemporaneidade para realizar um jornalismo de profundidade. Assim, a reportagem toma uma função mais ampla, a de relatar ocorrências sociais.

As características desta atividade jornalística, de acordo com Sodré e Ferrari (1986, p. 15 *apud* BORGES, 2013, p. 79) são: “a) a predominância da forma narrativa; b) humanização do relato; c) texto de natureza impressionista; d) objetividade dos fatos narrados”.

Partindo desses atributos, o caráter da reportagem advém da intenção de seu autor junto ao objetivo para com o público, em que pode ser a reconstrução de uma narrativa ou o apontamento de um contexto social. Ainda permeando o campo da reportagem de profundidade, na junção das técnicas do jornalismo literário, as histórias com enredos mais densos em seus detalhes e desdobramentos ganham corpo no livro-reportagem. Segundo Edvaldo Pereira Lima (1993):

O livro-reportagem cumpre um relevante papel, preenchendo vazios deixados pelo jornal, pela revista, pelas emissoras de rádio, pelos noticiários de televisão. Mais do que isso, avança para o aprofundamento do conhecimento do nosso tempo, eliminando, parcialmente que seja, o aspecto efêmero da mensagem da atualidade praticada pelos canais cotidianos da informação jornalística. (MAIA, 2008, p. 7 *apud* LIMA, 1993, p. 16).

Entre as obras estrangeiras que deram início ao livro-reportagem e ganharam repercussão, podemos citar: *A Sangue Frio* de Truman Capote (narra a história da família Clutter, em Holcomb, Kansas e os detalhes do caminho dos assassinos até a chacina), *Hiroshima* de John Hersey (reportagem que virou livro e reconstrói o dia da explosão da bomba atômica que matou mais de 100 mil pessoas sob os olhares de seis sobreviventes) e *Radical Chique e o Novo Jornalismo* de Tom Wolfe (um compilado de seus textos publicados nas décadas de sessenta e setenta).

No âmbito do jornalismo brasileiro, encontramos reportagens que foram além das páginas de um site ou revista e se tornaram livros-reportagem alicerçados no jornalismo literário e sua característica profunda, como *Abusado: o Dono do Morro Dona Marta* do jornalista Caco Barcelos, *A Vida que Ninguém Vê* de Eliane Brum, *A Feijoada que Derrubou o Governo* de Joel Silveira e *Todo dia a mesma noite: a*

história não contada da boate Kiss da jornalista Daniela Arbex.

Nessas amostras palpáveis do estilo jornalístico é possível perceber que algumas construções foram baseadas na relação entre fontes e escritores, que contribui de forma significativa para que as histórias sejam compartilhadas através de técnicas do jornalismo e literatura.

Resultante da participação das fontes e do interesse do público, as reportagens integraram as editoras brasileiras, trazendo na atualidade um número crescente de livros-reportagens sobre fatos marcantes, tragédias, investigações, entre outros, o que torna importante compreender como o jornalismo literário vem influenciando essas narrativas com suas técnicas de produção e elaboração, bem como para analisar a maneira como o gênero cresce e se molda ao longo do tempo.

4 JORNALISMO LITERÁRIO DA ATUALIDADE

Salienta-se que o jornalismo literário vem mudando no decorrer dos anos, desde sua origem na imprensa dos EUA até sua chegada ao Brasil com inserção entre os jornalistas e escritores deste país. Outrora descoberto como estilo que dialogava diretamente com a literatura, nas mãos dos brasileiros foi remodelado e se tornou uma ferramenta para compartilhar, nos meios de comunicação, diferentes histórias, em especial, trajetórias de luta, sobrevivência e justiça, um olhar diferenciado para sociedade.

As práticas de escrita avançavam no Brasil, espelhando-se no exterior e em como cresciam as formas de apresentação do jornalismo literário, um exemplo delas, já citada neste estudo, é o livro-reportagem.

De todas as formas de expressão do jornalismo e da literatura, a modalidade que melhor utiliza o potencial do livro-reportagem é o jornalismo literário. Os dois combinam-se, adequam-se, agregando conteúdo sólido e narrativa poderosa. Não é gratuito o fato de que, ao longo da história, praticantes do jornalismo literário tem produzido seus textos tanto para periódicos quanto para livros. (LIMA, 2009, p. 351).

Nessa perspectiva, os escritores compreenderam que, para avançar sobre o jornalismo literário, as histórias deveriam ser de interesse público, despertando curiosidade e preenchendo as páginas de jornais, revistas e livros.

Observa-se que, entre as narrativas que ocupam esse ambiente, as histórias que contemplam fatos marcantes da humanidade ganharam maior notoriedade, pelos olhos de um escritor que apurou, validou e capturou informações. Passaram de notícias quentes para narrativas complexas e detalhadas.

Esses relatos continuam a se assemelhar com o objetivo inicial e principal do jornalismo literário: o de trazer uma apresentação mais humanizada dos acontecimentos no mundo ao agregar novos olhares e modificar (quando necessário) abordagens para compreender seus passos e influência na atualidade.

4.1 Escrevendo sobre fatos marcantes

Os fatos marcantes que ocorrem na sociedade ganham esta nomenclatura porque, de alguma forma, seu acontecimento atingiu a população de maneira a incomodar e repercutir, seja diante da dimensão do caso, número de vítimas ou no modo como transforma a região a qual pertence.

Situações de tragédias, desastres naturais, ataques ou falecimento de figuras públicas geram comoção nacional e inúmeros olhares se voltam para o episódio, assim como aguçam a curiosidade por mais informações, momento no qual cada meio de comunicação utiliza seus métodos para conseguir fornecer uma cobertura exclusiva do acontecimento. Essa é a forma que o telejornalismo, o jornalismo impresso e o digital trabalham e apuram os fatos ocorridos diariamente no mundo.

O jornalismo literário possui uma abordagem diferenciada, uma vez que busca combinar as particularidades do jornalismo e da literatura, o que o faz ir além do que a mídia comum já apresentou, o que permite:

[...] que a reportagem seja realizada de uma maneira mais criativa do que no jornalismo diário, que tende a seguir padrões pela necessidade da informação rápida e prática. O gênero une recursos que fornecem sentimento e estética aos textos da literatura ao comprometimento com a realidade que dá base aos textos jornalísticos. (ROSA; LIMA, 2019, p. 3-4).

Sendo assim, o jornalismo literário revive o antes da história dos envolvidos, detalhes cena a cena de como o fato aconteceu, sob a perspectiva de quem a vivenciou e traz recortes do presente, em como a situação percorreu por cada história em particular, de modo que:

[...] o jornalismo literário procura mostrar a realidade por dentro. Isso inclui os motivos internos, as razões que movem as pessoas. Ao redigir uma matéria de jornalismo literário, o autor tem o compromisso de entregar ao leitor muito mais que informações primárias. (LIMA, 2010, p. 28).

Tanto para o jornalismo tradicional como para o jornalismo literário, fatos marcantes são acompanhados de perdas e dores que validam o interesse e a necessidade de produzir a informação. O primeiro pelo factual e o segundo pela continuidade da história que vai muito além de uma manchete breve e objetiva.

As histórias que alcançam notoriedade e encontram um jornalista que fixe seu olhar na narrativa ganham o privilégio de se tornarem perpétuas na produção de um livro-reportagem. Nesse ínterim, recorda-se:

[...] livro-reportagem é um instrumento aperiódico de difusão de informações de caráter jornalístico. Por suas características, não substitui nenhum meio de comunicação, mas serve de complemento a todos. É o veículo no qual se pode reunir a maior massa de informação organizada e contextualizada sobre um assunto e representa, também, a mídia mais rica. (BELO, 2006, p. 41 *apud* OLIVEIRA, 2013, p. 8-9).

Seguindo a vertente do jornalismo literário, o surgimento do livro-reportagem

“se deu no Brasil em um contexto de repressão e floresce estimulado pelo desejo de escapar às arbitrariedades que a ditadura militar brasileira impunha ao trabalho jornalístico” (BORGES, 2013, p. 206).

A publicação mais conhecida no país considerada uma das primeiras a incorporar o livro-reportagem foi *Os Sertões*, de autoria de Euclides da Cunha (1902), que traz detalhes da Guerra dos Canudos, o primeiro acontecimento histórico a ter cobertura diária da imprensa brasileira.

Os relatos que compõem essa obra foram extraídos de matérias publicadas por Euclides da Cunha no jornal O Estado de S. Paulo, onde relata suas impressões sobre o conflito entre os jagunços e o exército brasileiro, como também destaca suas observações sobre o sertão baiano.

Conforme Borges (2013), o livro-reportagem não precisa se prender a trazer um texto com as características do jornalismo literário, mas, de forma natural, o autor será estimulado a produzir um trabalho rico de sua história, o que o aproxima do gênero. Isso é o que aconteceu com *Os Sertões* e tantos outros livros-reportagem publicados no Brasil.

A história que está nas anotações de Euclides aconteceu no sertão da Bahia, entre 1893 e 1897, onde: “milhares de jagunços fundaram a vila de Canudos com o intuito de estabelecer ali uma comunidade em que a partilha dos bens e da fé tornaria a vida no árido e abandonado sertão mais fácil e digna” (OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA, 2009).

O conflito aconteceu porque a região em que os jagunços instalaram-se era considerada pelo governo brasileiro um foco monarquista e sua ocupação ameaçaria a República. Para cobrir essa disputa, o jornal O Estado de S. Paulo enviou o escritor Euclides da Cunha, que não tinha formação jornalística, nem a pretensão de escrever um livro, mas nutria o desejo de escrever sobre o que via, ouvia e presenciava ao seu redor.

Como Euclides da Cunha fora enviado à Guerra dos Canudos a pedido de O Estado de S. Paulo, ele sabia que deveria escrever matérias para o jornal e foram justamente essas publicações, com apuração dos fatos, relatos, observação, entre outras, que tornaram possível a criação do livro *Os Sertões*.

Ao mesmo tempo, foi possível produzir matérias diante da observação do autor, reconhecendo que a sua escrita também inspirou-se na literatura por meio das anotações de sua caderneta de campo, método este que ele utilizou para transmitir

tudo aquilo que presenciou durante a guerra, sempre sobre a sua perspectiva. Tanto que diz-se o seguinte:

O livro não tem uma leitura fácil. É recheado de descrições e detalhes, sem preocupação estilística com o enredo do conflito em si, embora ele esteja presente no relato. Mas foram justamente essas características que garantiram a perenidade da obra e do autor. Ao descrever a geografia inóspita do sertão nordestino, Euclides da Cunha proporcionou a descoberta de um país até então desconhecido para a grande maioria dos brasileiros. E seu nome tornou-se um ícone da Literatura Brasileira. (PENA, 2006, 107-108).

Como se observa, a obra de Euclides da Cunha iniciou a história do livro-reportagem no Brasil. Como uma extensão do jornalismo, foi esse método que jornalistas e escritores encontraram para fugir do padrão e firmar o novo nas linhas do jornalismo literário, aproveitando-se da linguagem e apresentação desse modelo de escrita jornalística.

Outro fato importante é destacar que os livros-reportagem chamam atenção de leitores pelos seus relatos de não ficção, tal como a história de guerra e sofrimento que permeia *Os Sertões*, em que se consegue trazer o cenário para mais perto de quem não o vivenciou como ele.

Histórias com narrativas de não ficção que inspiram livros-reportagem brasileiros foram crescendo após a obra de Euclides da Cunha, abrindo espaço para que leitores pudessem compreender e tornar-se leitores de livros como *A Vida que Ninguém Vê* (Eliane Brum), *Estação Carandiru* (Draúzio Varella), *Holocausto Brasileiro* (Daniela Arbex) e tantos outros já publicados.

Por oportuno, cabe registrar que:

Por ter maior fôlego, exige-se do livro-reportagem um grau mínimo de ineditismo nos fatos que traz à tona. Esses acontecimentos, por sua vez, não estão necessariamente relacionados à pauta do dia. Em muitos casos, conta-se uma história passada já há algum tempo, mas que ainda traz implicações para o presente, nem que seja a mera curiosidade. (BORGES, 2013, p. 261).

Dessa forma, o livro reportagem torna-se uma ferramenta essencial para a compreensão da sociedade sobre algum acontecimento, seja ele passado ou presente. Investigar, esclarecer discussões e alertar a sociedade é importante para evitar que acontecimentos trágicos se repitam.

Nesse cenário, o livro-reportagem, que aborda fatos marcantes da sociedade, carrega consigo características do jornalismo literário, diferentes das notícias que

veiculam na mídia de forma factual, levando para a população detalhes ricos, entrevistas reveladoras e informações apuradas profundamente sobre cada ocorrido, de maneira que:

Na melhor hipótese, o livro-reportagem apresenta-se como aprofundamento igualmente extensivo e intensivo. No primeiro caso, o número e a qualidade dos detalhamentos enriquecem a narrativa para um grau de informação idealmente superior ao dos veículos cotidianos. No segundo, a verticalização solidifica a real compreensão do tema e de sua precisa inserção no contexto contemporâneo. (LIMA, 2004, p. 40 *apud* OLIVEIRA, 2013, p. 9).

As manifestações do jornalismo literário, seja por meio de livros, reportagens ou outros textos, ganharam novas características com o passar do tempo. Seguindo a evolução da tecnologia, interligada às inovações da atualidade, sua forma de contar, analisar, entrevistar e debater se refaz continuamente.

Todas essas mudanças não estão alinhadas somente ao modo de escrita e ao tempo, mas também a necessidade do jornalismo literário continuar despertando o interesse do público.

Para preencher as possíveis lacunas deixadas pelas mídias convencionais, o jornalismo literário, por meio da reportagem em profundidade e do livro-reportagem, pode ser uma alternativa para maior sistematização da narrativa jornalística em tempos de Internet. (OLIVEIRA, 2013, p. 2).

As mudanças pela qual o jornalismo literário passa são importantes para aprimorar a forma que a sociedade enxerga o gênero, revelando seu lado poético por meio do estilo literário, mas também social com as ferramentas do jornalismo, refletindo nas temáticas escolhidas por muitos escritores, seja pelo impacto que causam ou pela necessidade de se discutir as suas questões, como destaca Borges (2013, p. 175), para quem “[...] o jornalismo literário postula inovações, subvertendo ângulos óbvios de observação, experimentando novas formas de narrar”.

Um exemplo brasileiro explorado em livro-reportagem com características do jornalismo literário foi o incêndio da Boate Kiss, tragédia que acometeu a cidade de Santa Maria (2013), que levou ao falecimento de 242 pessoas e deixou mais de 600 feridos.

Compreendendo haver mais detalhes sobre o trágico acontecimento que a sociedade precisava conhecer, para além daqueles já publicados pela grande mídia, essa história real foi escolhida pela jornalista Daniela Arbex para se tornar

livro-reportagem (2018).

Sendo assim, o estudo do livro *Todo dia a mesma noite: a história não contada da boate Kiss* de Daniela Arbex, se faz necessário para entendermos os caminhos que o jornalismo literário percorre através do livro-reportagem, tanto no papel perante a sociedade, como ferramenta de opinião e de conhecimento, quanto sua influência na narrativa do livro.

4.2 Análise da obra *Todo dia a mesma noite a história da Boate Kiss*

Quando a tragédia da Boate Kiss aconteceu (2013), Daniela Arbex trabalhava em Minas Gerais e, assim como grande parte da população brasileira, acompanhou o caso. Contudo, somente em 2016 ela voltaria sua atenção para o fato, após o radialista Marcos Moreno insistir que ela deveria abordar o acontecimento em seu terceiro livro, cujos dois primeiros livros foram *Holocausto Brasileiro* e *Cova 312*, os quais se debruçaram em casos mineiros, não menos polêmicos.

Arbex acreditava que não havia nada mais para falar sobre a tragédia e que o deslocamento atrás de sobreviventes e familiares até Santa Maria não seria oportuno. Porém, cedeu às insistências do colega e entrou em contato com alguns familiares, mesmo sem ter expectativa sobre o que receberia como resposta.

Em entrevista ao jornalista Humberto Trezzi, da Gaúcha ZH, a autora descreve a primeira resposta que obteve de um familiar e como esse era o começo de uma história que ela se empenhou em contar.

Resolvi, então, procurar algumas famílias pelas redes sociais. Apresentei-me e, dias depois, recebi a primeira resposta. Nela, uma mãe me disse que eles precisavam ser ouvidos. Essa resposta me tocou. Foi a partir dela que resolvi viajar para Santa Maria e saber se havia histórias não contadas. Havia muitas. Quando desembarquei em Santa Maria, já estava completamente envolvida, embora ainda não soubesse disso. (GAÚCHA ZH, 2018).

Em suas produções anteriores, Arbex reviveu histórias reais, feridas da sociedade brasileira. Primeiro com o livro *Holocausto Brasileiro* que revela detalhes de uma das maiores barbáries da história do Brasil, o genocídio no Hospital Psiquiátrico de Barbacena, onde mais de 60 mil pessoas morreram, não por problemas psicológicos, mas pela situação desumana e cruel em que eram recebidos, principalmente homossexuais, prostitutas, alcoólatras, mulheres que haviam perdido a virgindade antes do casamento, e os mais variados perfis

considerados fora dos padrões sociais.

Na segunda obra que escreveu, Arbex contou a história de um jovem militante político morto pelas Forças Armadas e que teve seu corpo desaparecido. Destina sua escrita a escrever a história do rapaz e reconstruir seus passos até seu desaparecimento, no livro intitulado *Cova 312*.

Seus livros provam que a jornalista buscou sempre por tramas reais, de interesse humano, que tinham muito a dizer além das manchetes de jornais e informações a revelar para a sociedade. Não diferiu disto quando resolveu voltar sua atenção para a história da Boate Kiss, recordando que: “desde a madrugada de 27 de janeiro de 2013, a bela palavra *kiss* evoca dor, perplexidade, ganância, omissão, injustiça e tantos outros sentimentos e percepções inflados pela falta e pelo abandono” (ARBEX, 2018, p. 9).

As notícias na época do incêndio relembram a repercussão do caso de maneira sensacionalista. Na internet várias matérias sobre a tragédia foram publicadas, entre elas: “Incêndio em boate provoca pânico e mortes em Santa Maria, no RS” (G1 RS), “Incêndio na boate Kiss é o de maior número de mortos nos últimos 50 anos no Brasil” (Gaúcha ZH) e “Veja vítimas do incêndio na boate Kiss, em Santa Maria (UOL)”.

Todas as notícias evidenciam um aspecto do fato para causar curiosidade e atenção de seus leitores, não desejando passar uma perspectiva humanizada do relato, mas ganhando repercussão sobre a sua abordagem com características de sensacionalismo.

O livro de Arbex (2018) cumpre seu papel de diferenciação devido à importância humana dada a história de quem está presente nos relatos e para as pessoas que tornam a conhecer o fato de forma mais ampla. É a ideia que retira de parte da observação de Dias (2019):

No aniversário de cinco anos da tragédia, a jornalista Daniela Arbex lançou o livro *Todo dia a mesma noite: a história não contada da Boate Kiss*. O que não se sabe sobre um acontecimento que teve tanta repercussão midiática? É no testemunho dos sobreviventes e de familiares de vítimas, que vivenciaram as intermináveis horas daquele dia 27, que a repórter busca uma possibilidade de narrar o acontecimento e de mostrar como todos, ainda hoje, sobrevivem cotidianamente à tragédia. (DIAS, 2019, p. 138).

Ao viajar para Santa Maria/RS, ouvir os familiares, sobreviventes e demais participantes da tragédia, Daniela Arbex cria uma narrativa que explora antes,

durante e depois do acontecimento, buscando apresentar o contexto das pessoas e lugares envolvidos na narrativa, munida de seu perfil jornalístico e caráter literário para imergir os leitores na narrativa. Nesse viés, destaca-se:

Para que serve, afinal, o jornalismo? São diversas as funções deste ofício, é claro. Mas a leitura do livro reportagem *Todo o dia a mesma noite* – a história não contada da boate Kiss, da premiada jornalista Daniela Arbex, traz em mente uma resposta possível: o jornalismo, quando bem feito, nos tira do isolamento e nos “funde” à vivência dos outros. Faz-nos sentir – ao menos um pouco – aquilo que sentiu os que tiveram as experiências mais extremas, as alegrias mais inimagináveis e os sofrimentos mais insuportáveis. (MARTINS, 2018).

O que conta em *Todo dia a mesma noite* não é somente a história do incêndio, mas das vítimas, suas famílias, dos bombeiros, enfermeiros, da cidade e de muitas outras pessoas afetadas por essa tragédia. Tanto que, segundo Lima (2010), o grande destaque do jornalismo literário é o ser humano, pois são as pessoas que guiam as histórias e dão vida a cada relato. Por tal motivo, jornalistas literários dão tanto espaço para os personagens da realidade, para compreender os laços de cada vivência.

O dia seguinte ao enterro dos filhos de Santa Maria vestiu o Brasil de luto e deixou o mundo em choque. A cidade, palco da tragédia, estava paralisada diante da dimensão do evento no qual todos perderam alguém: filhos, amigos, maridos e esposas, namoradas, irmãos, primos, sobrinhos, netas, pais. Em qualquer lugar do Coração do Rio Grande havia um pranto de dor, não só pelas pessoas que faleceram — o número havia subido para 235 —, mas também pelos sobreviventes que ainda estavam em risco. Dos 577 atendidos inicialmente na rede hospitalar do município, 124 permaneciam internados nos hospitais do Rio Grande do Sul, dos quais 56 em Porto Alegre. Do total de internados, 48 vítimas estavam no CTI, onze delas em estado muito grave. Além disso, 57 sobreviventes ainda precisavam de ventilação mecânica, conforme relatório do Ministério da Saúde. (ARBEX, 2018, p. 161).

Em Santa Maria/RS, a jornalista visitou vários familiares, conheceu as histórias de muitas vítimas do incêndio, das pessoas que trabalhavam na linha de frente dos primeiros socorros e pôde construir a história com riqueza de detalhes, apurada em cada conversa. Ela traçou o antes da Boate Kiss, do seu funcionamento até depois do incêndio, percorreu a vida dos responsáveis pela tragédia, detalhou quem eram as vítimas além dos nomes e trouxe a história até o presente, contando o sofrimento de todos que ainda choram pelas perdas.

Além da escolha da história, a temática que é tocante e necessária à sociedade, outras características fazem desse livro-reportagem um exemplar para o

jornalismo literário brasileiro. A apuração de informações, entrevistas, comprovação com dados e outras ferramentas são técnicas do jornalismo, mas o detalhe cena a cena, a imersão do repórter na realidade, profunda observação e romper com as características padrão do jornalismo, essas são particulares do jornalismo literário que estão presentes no livro de Arbex.

Ao ouvir as pessoas que direta ou indiretamente testemunharam o acontecimento, a autora confronta as informações, recria a cena em detalhes, contemplando os pontos que ouviu em suas entrevistas, aplicando a sutileza da literatura, em criatividade na sua forma de escrever, conforme é possível verificar no trecho a seguir:

Para quem perdeu um pedaço de si na Kiss, todo dia é 27. É como se o tempo tivesse congelado em janeiro de 2013, em um último aceno, na lembrança das últimas palavras trocadas com os entes queridos que se foram, de frases que soarão sempre como uma despedida velada. Retomar uma história brutalmente interrompida sem os personagens principais exige uma reinvenção de si mesmo. Muitos pais que reconheceram os filhos mortos no chão frio do Centro Desportivo Municipal perderam a capacidade de trabalho, passaram a fazer uso contínuo de remédios ou de álcool e a sofrer de doenças mentais. Cinco faleceram, posteriormente, com problemas de saúde. Casais se separaram depois que um dos dois desencontrou-se de si mesmo. Algumas mães ausentaram-se voluntariamente da vida. E, mesmo tendo outros filhos, não foram capazes de se dedicar a eles de imediato. É como se a presença de um remetesse à ausência do outro, é como se elas não enxergassem mais nenhum. (ARBEX, 2018, p. 185).

Informações como essas, com riqueza de detalhes e transmissão de emoção, somente são possíveis por meio da imersão do(a) repórter no relato de seus entrevistados, buscando captar os sentimentos dos participantes e transmiti-los a quem lê.

Essa é mais uma particularidade do jornalismo literário: a procura incessante por informações que fujam do que as notícias já tenham relatado. Isto porque o jornalista literário deseja saber a história da família, sonhos, marcas que cada história deixou e como cada pessoa se recorda do acontecimento, sendo necessário reviver para não esquecer. Logo, nota-se que:

[...] o trabalho de Arbex é marcado pela ação subjetiva e pela resistência. Ao refletir sobre sua prática, ela oferta outra compreensão sobre o jornalismo, que foge às normatizações do sistema canônico. Em determinado momento, assevera a função do olhar, da escuta e da postura humanizada como caminho possível para um jornalismo mais afeito à alteridade (DIAS, 2019, p. 142).

O incêndio da Boate Kiss teve repercussão nacional. Era um dia de domingo atípico, quando informações sobre o fato tomaram conta dos canais de TV, internet e redes sociais. Quem soube do acontecimento por esses meios, mal poderia imaginar a complexidade do que tinha realmente acontecido.

Arbex foi uma dessas pessoas que soube das informações do fato de longe, mas ao reconstruir a história entendeu que precisava demonstrar a proporção do acontecimento, quantas vidas ele destruiu e como seus efeitos ainda estão sendo sentidos. Por isso, visando demonstrar a magnitude do que foi essa tragédia, seu livro é repleto de dados, comparações, validações de informações com outros livros que citam o acontecimento, dados da Prefeitura Municipal, entre outras referências nacionais. Observe-se:

Áureo fez em um dia o total de perícias previstas para quase um ano. Necropsiou 33 vítimas, algumas delas filhos de amigos. Apesar do preparo emocional para esse tipo de trabalho, o incêndio na Kiss fugia a qualquer parâmetro que ele e os colegas legistas tivessem vivenciado em sua atuação profissional. Era como se um Boeing 787 tivesse caído sobre Santa Maria ou se quase cinco ônibus com cinquenta passageiros cada um se acidentasse ao mesmo tempo, matando todos a bordo. (ARBEX, 2018, p. 103).

Pena (2006) cita que praticar jornalismo literário é romper com as características do lead, o parágrafo introdutório que toda notícia carrega. Sendo assim, *Todo dia a mesma noite* é um exemplo de cumprir essa missão: seus textos fazem muito além do que demonstrar onde aconteceu o fato, o que aconteceu, quando ocorreu, quem estava presente, como se deu e por qual motivo.

Responder a essas perguntas não seria suficiente para compreender a história que tanto afetou Santa Maria/RS naquele fatídico dia. Existiram vidas tiradas, pessoas que tinham sonhos, trabalhadores que sofreram consequências por seus atos, pessoas que deveriam ser responsabilizadas pelas mortes. Tudo isso está na obra de Arbex, uma pesquisa profunda e busca incessante por trazer as histórias e dar voz às famílias, veja-se:

Em suma, Daniela Arbex atravessa com maestria o desafio que o livro apresentava: o de fazer uma obra com novidades em relação a esse fato tantas vezes abordado pelo jornalismo. E é aí que aparece o trunfo do formato do livro reportagem e das técnicas empregadas de jornalismo literário que, como já dito, possibilitam que nos sintamos na pele de quem passou por tudo isso. (MARTINS, 2018).

Enquanto discorre por um fato marcante na história do país, a autora usa o

poder do jornalismo e sutileza da literatura para se comunicar com o leitor. Assim como vivenciou idas à Santa Maria, relatos emocionados e não conteve o choro em diversos momentos, ela tentou passar essa emoção sem esquecer da transparência com a história e preservação aos relatos que ouviu.

Essa obra é importante para o jornalismo literário e para sociedade em virtude da continuação que proporciona ao gênero, conforme se apresenta em relatos marcantes, torna-se objeto de estudo dentro desse universo. Por esse modo, analisar *Todo dia a mesma noite* é uma forma de conhecer os passos que esse estilo jornalístico incorporou ao longo dos anos com o tempo, uso e influência em obras como a deste livro.

4.3 Influência do jornalismo literário no livro *Todo dia a mesma noite*

Observa-se que, além da obra *Todo dia a mesma noite* ser um livro-reportagem, se enquadra ainda entre as obras de jornalismo literário que, nos últimos tempos, vem apresentando cada vez mais relatos marcantes de uma época ou região específica.

Nesse contexto, a colaboração entre jornalismo literário e livro-reportagem reforça as características de ambos como complemento para apresentação de uma história única, em especial no que se refere à produção verossímil da narrativa, de modo que:

[...] é no livro-reportagem em particular, dadas as características favoráveis a narrativa de longo curso, que muitos autores podem produzir obras de folego, reunindo às vezes diversos tipos de formatos narrativos no mesmo trabalho. (LIMA, 2010, p. 77).

As propriedades presentes nesse estilo jornalístico, como sutileza e domínio da palavra, geram conexão com o público sem a rigidez e limitação dos parágrafos de uma notícia. Assim, tornou-se uma forma de escrita que amplia horizontes para a informação da história chegar aos leitores com profundidade, diferente do que nos recortes presentes em uma matéria.

Assim como o livro-reportagem estende as funções do jornalismo e da literatura, tese central desta obra, o jornalismo-literário cresce, supera o caráter perecível do texto jornalístico tradicional, transcende o tempo, chega a um público diferenciado e conquista um status cultural de maior prestígio quando se apresenta em forma de livro. (LIMA, 2009, p. 352).

Mostra-se que o jornalismo literário encontra um público diverso daqueles que

recorrem às notícias, são pessoas mais interessadas em saber a fundo uma história. Foi para que este público conhecesse as informações, testemunhos e particularidades, que Daniela Arbex escreveu *Todo dia a mesma noite*.

Enquanto as notícias nos meios de comunicação tradicionais focaram em uma parte da história para atrair a atenção, o livro de Arbex foi além, pois contou histórias que não estavam na mídia, bem como outras que ganharam visibilidade, mas sem grandes detalhes.

Recorda-se que “Incêndio em boate provoca pânico e mortes em Santa Maria” foi o título da matéria do G1 (2013) que trouxe palavras fortes para seu enunciado. Por sua vez, uma das matérias da Gaúcha ZH trouxe a seguinte manchete: “Incêndio na boate Kiss é o de maior número de mortos nos últimos 50 anos no Brasil”, contextualizando a proporção nacional do acontecimento, enquanto o portal de notícias UOL reuniu fotos das vítimas no seu site “Veja vítimas do incêndio na boate Kiss em Santa Maria”.

Pela instantaneidade, agilidade e necessidade de lidar com várias matérias, as notícias carregam um papel limitado de informações, foram produzidas para ser uma descrição curta, levar informações principais e se complementar com o desdobramento em outras notícias. Não há tempo nos portais de notícias e televisão para expor mais detalhes. Por esse motivo, outros produtos jornalísticos destinam-se a complementar um relato.

Enquanto nas notícias mencionadas acima consta somente a descrição dos envolvidos como sobreviventes e vítimas, na obra de Arbex conhecemos rostos, sonhos, histórias de uma família, de futuros e de tudo que foi deixado para trás sem uma despedida. É o que se verifica no trecho abaixo:

Yasmim Muller, namorada de Lucas e sobrevivente da Kiss, ficou o tempo todo ao lado do caixão. Muito emocionada, pôs o chapéu preto na cabeça, apoiando o rosto entre as mãos em cima da urna funerária. Fotografada por jornalistas que estavam no ginásio, a imagem dela acabou estampando a capa da revista *Veja* no dia 6 de fevereiro. O veículo foi alvo de críticas em todo o país. Os leitores acusaram a revista de ter usado uma modelo na foto, citando como “prova” as mãos da jovem, cujas unhas estavam pintadas de vermelho. Foi Yasmim quem, 24 horas antes de chorar sobre o corpo de Lucas, fizera as próprias unhas na casa de Marise para comemorar o seu aniversário na boate. (ARBEX, 2018, p. 155).

A repercussão da Boate Kiss não se resumiu a um evento de comoção nacional, nem estava entrando apenas para uma lista de tragédias, de grandes incêndios ou número de mortes. Aquela noite jamais seria esquecida por toda cidade

de Santa Maria, tanto que nos escritos de Arbex podemos encontrar citações sobre a mudança que a cidade sofrera.

Para recontar a história das 242 vítimas da boate Kiss, incendiada naquela madrugada, Daniela Arbex recorre ao ponto de vista dos principais protagonistas do episódio: os sobreviventes, as testemunhas, os parentes das vítimas, os profissionais da saúde que atuaram no resgate e no atendimento em meio ao desastre. Pelos olhos dessas pessoas, a autora nos leva de volta ao 27 de janeiro, a uma Santa Maria atônita e incrédula que, antes de velar seus mortos, teve de juntar santinhos, notas de dinheiro dobradas, identidades, cartões de bancos, batons, chaves e celulares, muitos celulares [...]. Cada objeto desses diz muito sobre essas mães, sobre esses pais, seus filhos, e sobre uma cidade jovem, com vocação para acalantar sonhos, uma fábrica de projetos de vida, de aspirações, de futuro. (ARBEX, 2018, p. 10).

Os recortes do livro reafirmam a presença do jornalismo literário em suas palavras que mergulham sobre a história de forma única. Por meio das habilidades de Daniela Arbex, contextualizam todo o acontecimento desde seu início, o incêndio, até o seu momentâneo fim, o desdobramento dos acusados e como é a vida de sobreviventes, familiares das vítimas fatais e do restante da população da cidade após alguns anos da tragédia.

Toda essa produção traz pontos importantes para a adequação dentro do jornalismo literário, encaixando-se entre os princípios que regem este gênero, tais como: “[...] exatidão, precisão, contar história, humanização, compreensão, universalização temática, estilo próprio, voz autoral, imersão, simbolismo, criatividade e responsabilidade ética” (LIMA, 2009, p. 355).

Nesse viés, é possível perceber, de maneira bastante nítida, que a narrativa do livro de Arbex foi influenciada pelas características do gênero ao utilizar em sua obra uma forma de escrita, apuração, investigação, entrevista e demais elementos presentes no jornalismo literário.

A presença do estilo jornalístico aqui estudado não esteve somente no modo de exposição, mas carregou as funcionalidades do gênero. Como afirma Lima (2010) quando observa que bons jornalistas literários podem enxergar e ver além, eles conseguem ver o invisível, estão dispersos ao que se sabe de uma história, aguçam o interior da realidade com a razão intelectual e emoções encontram o significado mais profundo para o acontecimento.

Por isso, a tradução dessa percepção dos jornalistas literários tem a funcionalidade de atravessar o que se tem como base e revelar algo mais de cada

história. Assim, evidenciam novos desdobramentos e trazem visibilidade ao que necessita ser esclarecido.

Enquanto exibem clareza ao que está dividido em recortes de notícias tornam-se unificados em livros e reportagens jornalísticas literárias, possibilitando à sociedade contemplar informações aprofundadas. Logo, o jornalismo literário não deve meramente reprisar o que as matérias dos meios de comunicação tradicionais já noticiaram anteriormente, “[...] precisa contextualizar, buscar o porquê das coisas, o que está por trás daquilo que a gente sabe na superfície, mas não conhece na profundidade (LIMA, 2010, p. 28).

Atualmente, outra aplicabilidade ao jornalismo literário está em seu dever com a cidadania, a qual é possível visualizar quando a autora cita o que levou a essa tragédia, como, por exemplo, a fiscalização, autuação e cumprimento de leis que poderiam ter revertido a mortes de 242 pessoas. Assim, fazendo com que esse fato revelado, torna-se assunto em debate, ponto de construção para evitar histórias semelhantes e preservar vidas.

O incêndio na boate trouxe à tona um sem-número de contradições e de conflitos provocados por condutas consideradas omissas, negligentes e/ou criminosas, respingando suspeição sobre diversos agentes públicos. A principal pergunta dos familiares afetados diretamente pelo evento é como uma boate que jamais operou um único mês atendendo a todas as exigências legais para a manutenção de suas atividades conseguiu chegar, incólume, até o dia 27 de janeiro de 2013. (ARBEX, 2018, p. 198).

Nos resultados das obras de jornalismo literário estão presentes funcionalidades, características e formas que evidenciam esse estilo jornalístico, mas para ser possível expressar todas essas evidências na escrita, o papel do jornalista é fundamental, pois ele quem se dispõe a investigar e transcrever a história sob a perspectiva de seus entrevistados e apurações.

4.4 Imersão do repórter em cena

Entende-se que o jornalista é o interlocutor das histórias presentes na mídia, como também nos trabalhos do jornalismo literário em livros-reportagens. Sua imersão na realidade da narrativa permite o conhecimento do fato com detalhes da cena, a transmissão da emoção dos entrevistados e a construção de técnicas jornalísticas na produção textual.

Nesse sentido, ensina Lima (2009) que:

A imersão [do repórter] serve ao objetivo de se investigar os padrões de comportamento dos personagens de uma história, para se compreender suas motivações, seus valores, a origem possível de determinadas atitudes, a consequência de uma postura. (LIMA, 2009, p. 37).

A presença do jornalista envolto na narrativa se caracteriza apenas como ouvinte e observador, salvo exceções em que relata histórias por ele vividas. Mas, quando observador, ainda que tomado pela emoção de acontecimentos que envolvam grandes tragédias, ele não deve intervir no processo de escuta, devendo relatar as emoções e situações de seus personagens, assim como expressar o “clima” da conversa, da cidade e dos demais envolvidos.

Dessa forma, também se deu a intervenção de Daniela Arbex durante a produção do livro *Todo dia a mesma noite*. A autora não esteve presente no decorrer do acontecimento, mas reconstruiu o evento por meio da perspectiva de seus entrevistados, onde teve que lidar com momentos de muita emoção enquanto deveria manter o profissionalismo.

Tanto que, em uma entrevista para o G1 do Rio Grande do Sul (2018), após a publicação do livro, Daniela Arbex relembra os momentos dolorosos durante suas viagens a Santa Maria: “Eu chorei em todas as entrevistas, durante, depois, e enquanto escrevia. Foi muito duro ouvir tudo aquilo, compartilhar o tamanho da dor dessas pessoas”.

Assim como ela, outros jornalistas em suas produções no estilo jornalístico literário, também tiveram que passar por momentos dolorosos na busca pelo relato, mantendo a intenção de dar voz ao acontecimento, de fazer uma família, comunidade ou pessoas serem ouvidas através da entrevista que irá compor o texto jornalístico.

Para que a construção do jornalismo literário se cumpra, a imersão do repórter em cena traz a possibilidade da melhor descrição do relato com o uso dos diálogos entre os personagens que ampliam as relações dos envolvidos, os detalhes sobre suas vidas e como chegaram até o acontecimento central retratado no texto e, sendo assim:

Sua missão é narrar organicamente, com o vigor da vida real - não com o artifício da vida abstrata que a ciência gera em muitas ocasiões -, o que vê, sentem, cheira, constata. O que compreende da realidade que vivencia, o que apreende da humanidade de seus personagens. (LIMA, 2009, p. 392).

O jornalista sabe e se compromete a manter-se fiel à história que revelará, pois a partir do momento em que está inserido no ambiente, ele renova a sua perspectiva, aproveita da sua posição para coletar depoimentos significativos e desmembrar do valor-notícia presente na redação para apegar-se a tempo e espaço por ele estipulados enquanto amplia a visão da sua produção.

Cada livro-reportagem que traz demonstrações de sentimentos aproxima o leitor da narrativa. Arbex e outros autores sabem disso. Ela compreende que com a finalidade de transmitir à sociedade parte do que a motivou a contar a história da Boate Kiss era necessário expressar, por meio da sua narração presente, a sua observação diante das visitas e conversas. Observe-se:

De fato, os efeitos físicos e emocionais ainda seriam sentidos por muito tempo. O drama se estendeu aos próprios profissionais da saúde que trabalharam nos dias que se seguiram ao incêndio, e que quebram o silêncio pela primeira vez dando depoimentos para este livro. (ARBEX, 2018, p. 170).

O uso da narração causa a sensação de presença dentro do acontecimento, é o estilo do livro-reportagem que emerge durante a leitura e nos faz acreditar que Arbex esteve presente em cada história contada, nos momentos de socorro às vítimas e nos pensamentos mais dolorosos e saudosos de amigos e familiares. A narração conecta-se à sensibilidade e criatividade do jornalismo literário, que se expressa na narrativa, carregando o simbolismo que a autora planeja para a história.

O recurso narrativo é arrojado: nós sabemos que esta é uma história trágica, mas, ainda assim, Daniela Arbex a constrói em tempo presente, como se estivéssemos ao lado daqueles pais quando eles recebem a ligação que mudaria suas vidas: a de que a boate em que seus filhos provavelmente estavam pegou fogo e é preciso procurá-los pela cidade. (MARTINS, 2018).

Quando o repórter ergue-se em acontecimentos trágicos, como o aqui estudado, ele tem em mente que será o porta-voz do caso. Para Lima (2009), o jornalista literário tem o papel de ampliar a nossa visão sobre coisas do cotidiano que são extraordinárias quando vistas com atenção e, “às vezes, como se percebe, o trabalho do jornalismo literário consiste em abordar feridas que a sociedade reluta em ver” (LIMA, 2009, p. 33).

Assim, observamos que, durante a produção de *Todo dia a mesma noite*, a

proposta do jornalismo literário de aguçar a atenção nas coisas mais comuns do cotidiano é feita para causar ligação com o leitor e provocar a percepção, ao dedicar tempo analisando coisas que não fazemos diariamente, mas que estão presentes nos textos de jornalismo literário pela riqueza dos detalhes.

Quando Daniela Arbex relata a reação de Liliene Espinosa, Capitã da Brigada Militar, ao chegar na Boate Kiss depois do incêndio, ela revela aos leitores a emoção da profissional e como assustador foi presenciar a cena: “Católica, ela apertou com uma das mãos a medalha de ouro e prata que carregava ao pescoço, lembrando-se dos dizeres gravados na peça: ‘Maria, rogai por nós que recorremos a vós’.” (ARBEX, 2018, p. 34).

Além disso, encontramos amostras de várias histórias, únicas para seus entes queridos, como, por exemplo, no momento em que a autora relata o último encontro de mãe e filho: “Guto sorriera, olhara fundo nos olhos da mãe e fora embora” (ARBEX, 2018, p. 49).

Por meio do relato é possível levar o leitor para dentro da casa de Cida, mãe de Augusto, vítima do incêndio na Kiss. E também ao quarto onde Andrielle e as amigas se arrumaram antes da festa que as levou à morte. Somos conduzidos ao Hospital Universitário de Santa Maria, onde trabalhava o médico Ewerton Nunes, que pôde ajudar a salvar a vida de seu filho Luís Arthur, sobrevivente da Kiss.

Por fim, mas não menos importante, anota-se que essas apurações somente se tornam possíveis a partir da abordagem de um repórter que se destina a nos colocar de frente com o acontecimento da forma mais particular, transmitindo emoções, fatos e informações, desejando que seus leitores entendam sua visão para muito além do acontecimento e estejam diante de histórias humanizadas e sensíveis, pelo poder do jornalismo literário.

5 MOBILIZAÇÃO CONTRA O ESQUECIMENTO

O livro-reportagem é composto de um objetivo, idealizado por seu autor e transcrito durante sua produção. Daniela Arbex deixou seu objetivo claro com *Todo dia a mesma noite* em algumas das entrevistas que deu, quando declarou que a escrita dessa história era sua mobilização contra o esquecimento. Durante a imersão na narração da história retoma por vezes seu propósito.

Para as vítimas indiretas do incêndio na Kiss, resistir não é uma escolha, mas um imperativo de sobrevivência. Resistir ao cansaço da espera por alguém que não voltará, ao silêncio imposto pela ausência, à dor que teima em ficar, por mais que se queira livrar-se dela. Resistir não só à perda, mas ao esquecimento, que busca sepultar os erros que contribuíram para que o dia 27 de janeiro de 2013 não terminasse para mais de duzentas pessoas. A construção da memória do pior desastre provocado pelo homem na história recente do Brasil é necessária. Só assim o país poderá lidar de frente com as causas e as consequências de uma tragédia que envergonha pela matança e pela impunidade. (ARBEX, 2018, p. 227).

Quando viajou para encontrar os familiares em Santa Maria, ainda não tinha claro seu ideal com as entrevistas, porém, conforme conduzia as conversas, foi tomada pelo que, mais tarde, entenderia ser sua missão ao narrar a história.

A autora entendeu que seu objetivo profissional nessa produção era nacionalizar a história por trás das paredes da Kiss. Fazer com que os relatos sobre a tragédia da boate no Sul do país não fossem apenas uma descrição de sofrimento, mas uma preservação da história de pessoas que perderam sua vida naquele lugar, desse modo, acredita, implicaria em um maior entendimento da sociedade para com o fato e os pais encontrariam maior acolhimento.

Mesmo sabendo que o incêndio na Boate Kiss teve grande visibilidade midiática, Arbex não se orientou pela ideia de que não haveria mais o que ser contado sobre o caso. Ela afirmou que existe uma 'falsa ideia de que as histórias se esgotam, porque sempre existem coisas por serem ditas' (ARBEX, 2018). A repórter contraria o regime de normas que norteia o jornalismo pela atualidade do fato, pela cobertura simultânea, e se coloca em outro espaço: 'Minha palavra é sempre resistência'. (ARBEX, 2018; DIAS, 2019, p. 141).

A leitura de sua obra é essencial para que a sociedade tenha uma visão ampliada do que esteve por trás das chamas, é dar voz aos familiares, tornar o tema discutido entre o povo e seus representantes, reverter significativamente a possibilidade de uma nova tragédia como essa em todo país e que os reflexos sejam

sentidos visando mudança, ao evitar que tal acontecimento não mais se repita e que a tragédia da Kiss encontre justiça.

5.1 A construção da memória

Recordar a história da boate Kiss é reviver muito além da dor que a morte deixou. Significa relembrar a injustiça, polêmicas, desconfortos e indignações de um acontecimento fatal, situações em que na obra de Arbex estiveram presentes, pela necessidade que o jornalismo literário traz de reconstruir cena a cena, antes e depois do fato, para ser possível entender a complexidade que o permeia.

Mais do que tudo, cabe ao jornalismo o papel público de largo alcance de buscar significados para os acontecimentos e situações que compõem o complexo panorama da realidade em movimento. A realidade social, natural e em tantas outras camadas integradas da existência em que o ser humano ocupa uma posição tão relevante, mas igualmente delicada. (LIMA, 2010, p. 10).

Para que a memória do relato estivesse completa nas linhas desse livro-reportagem, Arbex precisou tocar em feridas. Após a morte de muitos jovens, familiares começaram a se questionar o que teria acontecido, para causar essa tragédia de tamanha proporção, e foram surpreendidos com descobertas do caso feitas conforme prosseguiam as investigações.

A desconfiança dos familiares das vítimas em relação à atuação das autoridades públicas no caso teve início logo depois do enterro de seus filhos. Ainda arrasados com a perda, eles foram surpreendidos com a notícia de que a boate jamais estivera 100% regularizada. Inaugurada em julho de 2009, a casa noturna começou a funcionar sem que as obras no prédio tivessem sido aprovadas pela prefeitura. (ARBEX, 2018, p. 194).

Era o começo de uma sucessão de erros, que tornou necessária a participação dos responsáveis no relato. Nasceria com essa parte da história um sentimento de impunidade entre os familiares que perderam seus entes queridos, para uma tragédia que poderia ter sido evitada, mediante a prática de ações responsáveis.

A casa noturna pertencia a Elissandro Spohr, conhecido como Kiko, que deu início ao processo de funcionamento do local em 2009, para realizar a inauguração em julho do mesmo ano. Algumas medidas precisavam ser realizadas para que a

casa estivesse regular, o que permitiria a aprovação de funcionamento como o alvará de localização, alvará de prevenção e proteção contra incêndio, alvará sanitário, licença de operação ambiental e demais exigências legais para o correto funcionamento do ambiente.

O desenvolvimento da narrativa pelas vozes dos personagens vem para validar a história, característica importante e presente no jornalismo que reúne os eventos cruciais do relato e realiza os desdobramentos, com embasamento na fala de seus personagens, na apuração, investigação e participação dos envolvidos. Esse é o dever social do jornalismo: elucidar acontecimentos e informar

No jornalismo, a narrativa é utilizada como meio para que os conteúdos dos fatos cheguem até o leitor de uma forma estruturada e compreensível; é por meio dela que as informações são transmitidas para a sociedade, ou seja, como os fatos são relatados. Tudo que é informação está inserido em uma narrativa. (OLIVEIRA, 2013, p. 9).

Como destaca Lima (2010), esse é um atributo da linguagem escolhida para a escrita, que se organiza mediante o tipo de mensagem que seu autor escolhe passar, ao destinar como o receptor das informações poderá compreender por meio de começo, meio e fim a intenção exposta na obra.

Arbex construiu sua narrativa não somente descrevendo a sequência dos acontecimentos que resultaram no incêndio da Kiss, mas aprofundou sua produção ao intervir com mais detalhes da vida dos envolvidos e de situações que atravessaram a história. Essa é uma particularidade do jornalismo literário, onde tamanha profundidade tem o papel de trazer o leitor para a cena e ampliar sua visão sobre o que está prestes a conhecer.

Em *Todo dia a mesma noite* a autora não descreve o julgamento do caso, o que seria seu final simbólico, que só viria acontecer em dezembro de 2021, três anos após a publicação da obra aqui estudada e oito anos após a tragédia. Mas, retrata como estava o andamento do inquérito até a finalização do livro.

Quando o relatório final do inquérito policial que apurou o incêndio foi divulgado, em março de 2013, dezoito pessoas haviam sido indiciadas pelos delegados. Quatro foram indiciadas por homicídio doloso: Kiko e Mauro Londero Hoffmann, 47 anos, identificados como sócios da boate, o produtor de palco Luciano Augusto Bonilha Leão, 35 anos, da banda Gurizada Fandangueira, e o músico Marcelo de Jesus dos Santos. As outras catorze

peças apareceram no rol de indiciados por crimes diversos, entre elas familiares de Kiko que trabalhavam na boate, secretários municipais e fiscais da prefeitura. Bombeiros que atuaram no resgate no dia do evento e na fiscalização da Kiss ao longo dos anos também foram indiciados ou tiveram os nomes citados para posterior investigação de 'indícios de autoria e materialidade de prática de ao menos cinco homicídios de natureza culposa'. (ARBEX, 2018, p. 199).

O prefeito de Santa Maria em 2013, Cezar Augusto Schirmer, também foi responsabilizado pelas mortes na casa noturna. A justiça considerou a falta de comunicação com as secretarias responsáveis pela vistoria do imóvel, mas seu caso foi encaminhado à Polícia Federal tendo em vista seu foro privilegiado.

Os bombeiros envolvidos na fiscalização e vistoria da boate foram, em sua maioria, condenados pelas ações, mas um deles, o primeiro-tenente da reserva Robson Viegas Müller, foi absolvido da acusação de homicídio doloso por omissão, por não ter impedido que jovens voltassem para a boate com a pretensão de socorrer pessoas do incêndio.

Quando o inquérito policial foi concluído, havia grande expectativa entre os familiares das 242 vítimas sobre a continuidade do rito processual. Remetida ao Ministério Público, a investigação passou a ser analisada pelos promotores Joel Oliveira Dutra e Maurício Trevisan, que, em 2 de abril de 2013, denunciaram apenas oito dos dezoito indiciados pela Polícia Civil. Além dos sócios Kiko e Mauro, do produtor de palco Luciano e do músico Marcelo de Jesus, que estavam presos preventivamente na Penitenciária Estadual de Santa Maria, acusados de homicídio doloso, os promotores denunciaram dois bombeiros por fraude processual e outras duas pessoas ligadas à Kiss por afirmações falsas. (ARBEX, 2018, p. 204-205).

Os promotores do caso também pediram arquivamento parcial do inquérito que citava o envolvimento dos servidores públicos. Para eles, não foi possível apurar suas participações. Essa situação causou grande revolta aos pais das vítimas, que demonstraram a perda da confiança no Ministério Público e na aplicação da lei pelos promotores.

Alguns pais eram membros da Associação de Familiares de Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria e, mediante tamanha revolta, Paulo Carvalho, pai de Rafael, morto na Kiss, Sérgio da Silva, pai de Guto, Flávio José da Silva, pai de Andrielle, e Marta Beuren, mãe de Silvinho, tornaram público suas indignações com falas diretas aos promotores do caso, o que gerou processos de calúnia e difamação pelo Ministério Público.

Até a finalização do livro, os pais Flávio e Sérgio ainda aguardam o julgamento da ação movida contra eles, porém Marta e Paulo já tinham sido absolvidos das acusações.

No caso da boate Kiss, os quatro acusados pelo incêndio na casa noturna respondem em liberdade aos crimes a eles imputados. No início de 2017, o Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul decidiu que Elissandro Spohr, o Kiko, Mauro Hoffman, Luciano Bonilha e Marcelo de Jesus deveriam ir à júri popular por homicídio de 242 pessoas e pela tentativa de homicídio de outras 636. Um recurso da defesa, no entanto, contestando a sentença, foi julgado no fim do ano. A decisão beneficiou os acusados. No entendimento dos desembargadores do 1º Grupo Criminal não houve dolo eventual — quando o agente quis o resultado ou assumiu o risco de produzi-lo. Com isso, os réus deverão ser julgados por um juiz criminal. O Ministério Público pode recorrer. (ARBEX, 2018, p. 211).

Sobre o andamento do caso, os quatro acusados pelo Ministério Público foram a júri popular em dezembro de 2021, condenados com sentença de 22 anos e 6 meses para Elissandro Spohr, ex-sócio da boate Kiss, 19 anos e 6 meses para Mauro Hoffman, também ex-sócio da boate, 18 anos para Marcelo de Jesus, ex-vocalista da banda Gurizada Fandangueira e para Luciano Bonilha, ex-roadie da banda.

Após o julgamento os acusados não foram presos, devido um habeas corpus apresentado pelo advogado de Elissandro Spohr, mas em 14 de dezembro de 2021 o habeas corpus foi suspenso e os condenados foram levados à prisão.

Mas em 2022, os advogados dos condenados apresentaram que houve uma irregularidade na ausência do seguimento do rito processual. Com base nisso, a defesa entrou com recurso para que fosse anulado o júri popular e o caso voltasse ao status de antes do julgamento, tendo a necessidade de se realizar um novo julgamento e os acusados passam a responder em liberdade esperando pelo novo julgamento.

A construção da memória do andamento do caso se faz necessária para que a narrativa se alinhe com a atualidade e carregue a força que a obra também possui. Arbex tentou falar pessoalmente com os envolvidos, que chegaram a julgamento, mas nenhum dos quatro aceitou conversar com a jornalista.

Em entrevista ao site G1 RS, em 2018, ela fala que a ausência dos acusados não afetou sua escrita, mas afirma o desejo de que a conversa pudesse ter

acontecido: “Eu queria muito ouvi-los, principalmente o Kiko (Elissandro Spohr, um dos sócios da boate) e o Marcelo Santos (vocalista que acendeu um artefato pirotécnico que deu início ao incêndio), porque acho que teriam muito a dizer”.

Independente da ausência de fala dos envolvidos, a autora prosseguiu em seu objetivo de ajudar para que a história da Kiss não fosse esquecida. Trouxe em seus escritos a proposta que os pais e familiares das vítimas da Kiss fizeram, de se criar a Tenda da Vigília, no centro da cidade.

A tenda foi erguida no primeiro semestre de 2013 para ser um ponto de encontro entre as pessoas afetadas pela tragédia. Mantê-la viva no Centro tem sido tão desafiador quanto o esforço para que a morte das 242 pessoas não seja apagada da memória coletiva. [...] Se no começo a tenda era um símbolo de luta e resiliência, rapidamente passou a ser sinônimo de incômodo. Passar em frente a ela e ter que enxergá-la exige olhar a perda do outro, estabelecer empatia. (ARBEX, 2018, 231-232).

Parte dos cidadãos de Santa Maria criaram repulsa pela presença da tenda, o que ocasionou em desconforto e tensão entre os habitantes e os pais das vítimas, que passaram a ser acusados de se recusarem a superar seu luto e propagar pela cidade um clima triste e desagradável, o que prejudicaria a região economicamente.

Os pais relataram para a jornalista ofensas que receberam de outros moradores, mas deixaram claro a todos que os insultavam que o objetivo com a tenda era resistir e continuar em busca de justiça pelos seus entes, enquanto se uniam e encontravam forças uns nos outros.

Esse é o diferencial de Daniela Arbex quando faz de seus entrevistados personagens da narrativa, trazendo humanização e ênfase a maneira como escuta as falas. “Valendo-se da interação entre as narrativas jornalística e literária, a repórter valoriza as fontes, que passam a se comportar como personagens para a construção de um jornalismo humanizado” (CORSI, DEMÉTRIO, 2015, p. 10).

Por esse motivo é necessário falar de seus personagens até mesmo depois da tragédia, contar os capítulos de sua vida e o que faz parte dela, assim como fazem para seguir, pois a história não acaba quando o fato termina.

Os médicos, bombeiros, amigos e familiares precisaram de atendimento psicológico após o acontecimento, devido às marcas invisíveis que a tragédia deixou, e que não puderam ser superadas sem apoio.

Daquele momento em diante, era hora de pensar no recrutamento de um grupo multiprofissional capaz de acompanhar os sobreviventes e seus familiares. Nascia, então, o embrião do Centro Integrado de Atendimento às Vítimas de Acidentes (Ciava) do Hospital Universitário de Santa Maria. As atividades do Ciava foram iniciadas oficialmente quase um mês depois do incêndio, com a assinatura de um Termo de Compromisso celebrado entre o Ministério da Saúde, as secretarias de Saúde do Rio Grande do Sul e de Porto Alegre, as secretarias de Saúde e de Gestão e Modernização Administrativa do município de Santa Maria e a Universidade Federal de Santa Maria. O extrato de compromisso, assinado em 22 de fevereiro de 2013, determinou auxílio aos envolvidos no incêndio — incluindo socorristas, policiais civis e militares, bombeiros e moradores dos arredores da boate — a partir de ações de vigilância à saúde, atenção básica, especializada e psicossocial. [...] Mesmo com toda a ajuda do Ciava, porém, seus profissionais sabiam de antemão que ninguém sairia ileso de um episódio dessa natureza: nem os pacientes, nem os familiares, nem as equipes. (ARBEX, 2018, p. 169-170).

Muitos profissionais de saúde que estavam trabalhando no atendimento às vítimas falaram pela primeira vez da sua experiência em conversa com Arbex para a construção de *Todo dia a mesma noite*. Foi através do trabalho do Centro Integrado de Atendimento às Vítimas de Acidentes (Ciava) em tratamento psiquiátrico, que encontraram forças para seguir, falar do acontecimento e tentar, cada um à sua maneira, seguir a vida.

5.2 Internacionalização do caso Kiss

As chamadas dentro da boate começaram durante a madrugada, por isso muitas pessoas em todo o país acordaram com a notícia em curso, informados pelo fato nas redes sociais, sites ou nos canais de televisão. A sucessão da cobertura seguiu e durou 46 horas de presença ao vivo em televisão aberta. Todos os canais de televisão estavam apresentando notícias do incêndio, atualizando os telespectadores com cada informação que recebiam.

Nas primeiras horas, as notícias oscilaram entre questionamentos sobre o que havia acontecido e a atualização do número e dos dados de mortos, feridos e sobreviventes. As primeiras imagens que ocupam os noticiários (sites e TVs) são captadas em frente à boate Kiss, enquanto os sobreviventes são atendidos improvisadamente na calçada e na rua. Os próprios frequentadores e transeuntes registram as cenas de pânico daquele domingo. Os primeiros jornalistas chegam ao local ainda na madrugada. Naquele momento, as notícias eram desencontradas: sobre o número de frequentadores, de mortos e de feridos e, também, sobre as possíveis causas da tragédia. (SILVEIRA, 2014, p.116-117).

A mídia teve importante papel em informar sobre a dimensão do acontecimento, ajudando a compreender os desdobramentos do caso, em especial a mídia local de Santa Maria. A rádio teve participação importante na transmissão das notícias que chegaram a muitos países, com informações de locais de apoio, hospitais onde estavam sendo atendidos os feridos e vários comunicados que também estavam sendo compartilhados nos principais sites e canais abertos.

Enquanto profissionais se deslocam de várias partes do país e até de outros continentes, a mídia local é quem assume a cobertura dos acontecimentos. Os relatos são transmitidos pela internet (imagens, fotos e textos), pelas emissoras de rádio e de TV. O mundo começava a receber informações da tragédia pelo filtro do campo jornalístico que atua em todas as mídias. (SILVEIRA, 2014, p.116-177).

As falhas no processo de comunicação também aconteceram longe e perto dos olhos de seus telespectadores, com informações equivocadas, a batalha por maior audiência e a disputa entre canais foram situações que fugiram ao dever de preservação da boa comunicação perante o acontecimento.

Por outro lado, Silveira (2014) já havia destacado em sua pesquisa a importância da televisão local para a cobertura do fato e sua visibilidade na tela da TV Globo, que ao longo de sua programação realizou diversas entradas ao vivo por meio de sua afiliada, a RBS TV Santa Maria, que foi a primeira emissora a transmitir ao vivo com a presença da jornalista Juliana Motta na praça central da cidade.

Ao longo do dia foram seguindo reportagens sobre a tragédia nos principais telejornais da emissora e mais entradas ao vivo. Durante os dias que se seguiram à repercussão do caso, enquanto famílias enterravam os seus e a população buscava por respostas, a TV noticiou e buscou informações durante cinco dias com alta visibilidade.

Enquanto os canais de televisão apresentavam o desdobramento do fato em Santa Maria, Arbex buscou evidenciar em seu livro a aflição das famílias e o sofrimento que passou por momentos jamais imaginados.

Para além do desastre cuja dor coletiva parou o Brasil na semana que se seguiu ao episódio, existia um drama gigantesco de uma comunidade que viu faltar caixão, vela, flor e cova para os seus entes queridos. A quantidade de mortes dentro da boate obrigou as famílias a ter de lutar muito pelo direito básico de velar seus mortos. (ARBEX, 2018, p. 149).

Além da exaustiva cobertura da imprensa, a presença das redes sociais trouxe força para a nacionalização da cobertura do caso Kiss, quando pessoas puderam encontrar informações, unir forças e também ajudar no caso.

Logo após o ocorrido, as pessoas encontraram nas redes sociais online espaço potencial para organização de ações e circulação de informações. Para a organização dos voluntários, por exemplo, foi criado um grupo no Facebook chamado “Voluntário SM”, o qual centralizou informações, telefones e escalas de horário nos hospitais da cidade. Além disso, a investigação da polícia levou em consideração informações, fotos e outros dados postados nas redes digitais para anexar ao inquérito. Os policiais organizaram um formulário de identificação online e divulgaram em perfis no Facebook. Esse formulário serviu para que, durante as investigações, os delegados pudessem identificar as pessoas que estavam na boate e permitiu comprovar, a partir dos dados coletados, a lotação da boate naquela noite. (SILVEIRA, 2014, p.184).

As redes sociais também mediaram um espaço de comunicação para o caso Kiss, como podemos observar no exemplo acima. A partir dessa união tornou-se possível construir um espaço de solidariedade aos sobreviventes e familiares, como também auxiliar na apuração, conectando solidariedade e justiça no caso.

A crescente mobilização nas redes sociais ampliou o campo do amparo às vítimas da Kiss para o desejo e compartilhamento de justiça, ganhando visibilidade nos jornais e telejornais pelo país, enquanto também discutiam as matérias publicadas nessas mídias.

A organização midiática e, sobretudo, o jornalismo agem como o espaço mediador entre governo e sociedade para o acirramento ou resolução dos tensionamentos que se constituem a partir das informações veiculadas. (SILVEIRA, 2014, p. 292).

A repercussão da Kiss afetou todo o país, com várias discussões e opiniões acerca do que motivou a morte de quase 300 pessoas e feriu mais de 600 na casa de shows. O número causou espanto e, ao descobrir que dentro da boate havia em torno de mil pessoas, quando sua capacidade máxima era de 690, várias pessoas se uniram aos familiares em uma cobrança de esclarecimentos.

Ao escrever a história da Kiss, Arbex tinha conhecimento do quanto aquela era uma grande narrativa, muito mais do que os números assustadores, mas pelos motivos escondidos que poderiam ser encontrados para culminar nessa tragédia. E,

como uma boa repórter, foi provocada a contar o que estava além das manchetes, reunir informações, dados e entrevistas para contar essa história.

No Brasil, o incêndio correspondia ao segundo maior em número de óbitos, perdendo apenas para o Gran Circo Norte-Americano, de Niterói, com quinhentas vítimas em 1961. No entanto, as características da Kiss, que teve todas as suas saídas de ar vedadas, transformariam o evento em um dos maiores do mundo quando se fala em vítimas de incêndios em ambientes fechados. Nos dias que se sucederam à tragédia, a Kiss seria comparada a uma ratoeira, verdadeira armadilha para jovens que jamais desconfiaram que não estavam seguros. (ARBEX, 2018, p.103).

O jornalismo literário aplica-se a esse modo de narrar, sendo mais que simplesmente passar uma informação. Como declara Lima (2014), é emergir o leitor e o jornalista dentro da história, para que todas as suas nuances sejam apresentadas, ao contar como as coisas aconteceram em particularidades que somente o jornalismo literário pode retratar.

Um dos reflexos práticos do caso Kiss foi a criação da Lei 13.425, de 2017, também conhecida como Lei Boate Kiss, que surgiu após a tragédia mediante discussões acerca da urgente necessidade de prevenção de acidentes dessa natureza.

Apesar de na época do acontecimento existirem outras leis que cobravam a organização das casas de shows e diversos eventos públicos, a aplicação da Lei Boate Kiss veio para fortalecer determinações como a prevenção de incêndios e desastres e a responsabilidade legal:

Estabelece diretrizes gerais sobre medidas de prevenção e combate a incêndio e a desastres em estabelecimentos, edificações e áreas de reunião de público; altera as Leis nº 8.078, de 11 de setembro de 1990, e 10.406, de 10 de janeiro de 2002 – Código Civil; e dá outras providências. (Lei nº 13.425/2017, 2017).

A regulamentação desta lei impacta em gestores públicos, bombeiros e demais responsáveis fiscais de estabelecimentos e eventos em todo o país, o que tornou mais exigente a fiscalização, com ênfase para Santa Maria, que depois do caso teve maior fiscalização para evitar que tragédias como essa voltem a acontecer.

O incêndio da Kiss não é o primeiro que atinge o Rio Grande do Sul e resulta em mudanças na lei. Em 1976 houve um incêndio nas lojas Renner, em Porto Alegre, onde 41 pessoas morreram e 65 ficaram feridas e, até esse momento, o estado não possuía uma legislação específica para prevenção de incêndios.

A construção de uma primeira lei estadual para prevenção de incêndios e desastres no Rio Grande do Sul só viria acontecer em 1997, dois anos depois de outro incêndio famoso, no Cine Cacique, na Rua dos Andradas, onde não houve registro de mortes.

A lei de 1997, de apenas duas páginas e que seria substituída em 2013 pela Lei Kiss, estabelecia que todos os prédios com instalações comerciais, industriais e de diversões públicas deveriam ter o Plano de Prevenção e Proteção Contra o Incêndio (PPCI) aprovado pelo Corpo de Bombeiros. Também dava poder à corporação de advertir e interditar edificações em caso de descumprimento. A lei remetia para a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Até a Lei Kiss, não havia uma legislação federal única. (GAÚCHA ZH, 2018).

Como podemos perceber, as ações para evitar calamidades só ocorreram depois de outras tragédias e com a pressão popular para evitar novos acontecimento desse gênero.

Em esfera nacional, o caso da Kiss ficou conhecido com um dos maiores incêndios do país em grandes proporções, mas considerado o segundo maior incêndio do Brasil em número de vítimas, ficando atrás apenas do Gran Circus, em Niterói, estado do Rio de Janeiro, que resultou em mais de 500 mortes., fato que Arbex destacou em seu livro, com outras informações oriundas de estudos e livros que abordam o viés da saúde, infraestrutura e demais elementos que envolveram o caso. Tudo isso é importante para contextualizar e fortalecer a construção da história com outros casos marcantes, além de trazer a dimensão do acontecimento para a memória dos leitores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho pretendeu entender a influência do jornalismo literário na produção do livro *Todo dia a mesma noite*, um livro-reportagem de autoria da jornalista Daniela Arbex sobre a tragédia que acometeu a cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul em 27 de janeiro de 2013, o incêndio na Boate Kiss, com a morte de 242 pessoas.

A principal motivação que sustentou essa pesquisa foi verificar a utilização das características que compõem o jornalismo literário como peça importante para a construção do texto, que reforçou a funcionalidade do gênero nas narrativas atuais, trazendo um olhar mais humanizado sobre o fato, sem a presença do sensacionalismo.

A partir da análise da obra foi possível descrever e examinar a relação entre jornalismo e literatura, que permeia a escrita do texto. Dimensionar o papel da relação entre autor e fontes, peça fundamental para a construção do jornalismo e reconhecer na escrita a presença da “estrela de sete pontas”, citada por Pena (2006).

Dentro do conceito da “estrela de sete pontas” reconhecemos na obra de Arbex, como potencializa os recursos do jornalismo através da apuração, investigação, exposição de dados e aprofundamento, a primeira ponta da estrela.

O livro em sua abordagem e escolha pela história já se faz presente na segunda ponta em ir além dos acontecimentos cotidianos, também fornece detalhes ricos para ampliar a visão dos leitores definição da terceira ponta.

Outros três pilares também estão presente na abordagem do jornalismo literário dentro do livro que são, não se limitar ao padrão do lead, conceder um espaço para ação de cidadania, onde aborda a mobilização do caso e ações a pedido de justiça e por fim proporciona aprofundamento do relato.

Dessa forma, pudemos confrontar as características do jornalismo literário presentes no livro com as fundamentações de Pena (2006) e Borges (2013), para atingir uma compreensão de como os traços do jornalismo literário tradicional, influencia as narrativas atuais, mesmo quando abordam temas delicados.

Ao longo do trabalho, comparamos as características do jornalismo literário tradicional, que estão presentes na escrita da atualidade, imersas às particularidades que o tempo também trouxe. Verificou-se que a obra analisada apresenta características como a sutileza da arte literária, a forte apuração jornalística, a profundidade dada ao tema e, principalmente, a inovação em abordar com cautela a tragédia.

Depois, verificamos como se deu a influência desse gênero na construção jornalística de grandes tragédias. A análise permitiu concluir que os fatos marcantes são de interesse público e a presença do jornalismo literário torna-se esclarecedora para esses episódios que necessitam de um espaço para serem ouvidos e chegar a mais pessoas através da comunicação.

Podemos ressaltar também a relevância que o tema trouxe à sociedade, ao revelar a necessidade de fiscalização das casas de show no Brasil, que somente tornou-se discutido após a repercussão do incêndio na boate Kiss, com a ênfase dada pelo livro às irregularidades cometidas e o que poderia ter sido feito para evitar a tragédia.

Ao reconhecer a adequação e importância do jornalismo literário em produções como essa, contribuimos para o estudo do gênero, buscando compreender como ele se comporta na atualidade, inspira narrativas e torna-se um exemplar para livros com recortes de humanização.

Sendo assim, o jornalismo literário, que por alguns foi considerado um tema em desuso, permanece vivo e fiel a suas particularidades, como também reinventando-se ao tratar de diferentes temáticas, sempre com o objetivo de tocar leitores e tornar públicas as vozes do povo.

REFERÊNCIAS

ARBEX, Daniela. **Todo dia a mesma noite**: a história não contada da Boate Kiss. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

BORGES, Rogério. **Jornalismo Literário**: teoria e análise. Florianópolis: Insular, 2013.

BRASIL. Lei nº 13.425/2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13425.htm. Acesso em: 22 nov 2022.

CASATTI, Denise. **Viagem ao outro**: um estudo sobre o encontro entre jornalistas e fontes. 2006. Tese (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27142/tde-04082009-221701/publico/2350342.PDF>. Acesso em: 10 out. 2021.

CINCO anos depois da Kiss, legislação sobre incêndios mudou, mas já houve flexibilizações. **GaúchaZH**, 23 de jan, de 2018. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2018/01/cinco-anos-depois-da-kiss-legislacao-sobre-incendios-mudou-mas-ja-houve-flexibilizacoes-cjcs0ktwe03mu01phx4xm41ol.html>. Acesso em: 21 de nov. 2022.

CORSI, Nathalia; DEMÉTRIO, Sílvio. Quando a literatura soma ao jornalismo: a humanização nas narrativas de Eliane Brum. In: **Anais do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Rio de Janeiro: Intercom. 2015. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-2619-1.pdf>. Acesso em: 5 mai. 2021.

DIAS, Marlon. Narrar uma tragédia do presente: transgressões ao regime das práticas em Todo dia a mesma noite, de Daniela Arbex. **Galáxia**, São Paulo, n. 42, set./dez., 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-25532019000300136&tlng=pt. Acesso em: 3 abr. 2021.

FABBRO, Bárbara Dal. O primeiro livro-reportagem brasileiro?. **Observatório da Imprensa**, 10 nov. 2009. Diretório Acadêmico. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/o-primeiro-livroreportagem-brasileiro/>. Acesso em: 30 jul. 2022.

INCÊNDIO em boate provoca pânico e mortes em Santa Maria, no RS. **G1 RS**, Santa Maria, 27 jan. 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2013/01/incendio-em-boate-provoca-panico-e-mortes-em-santa-maria-no-rs.html>. Acesso em: 08 ago. 2022.

INCÊNDIO na boate Kiss é o de maior número de mortos nos últimos 50 anos no

Brasil. **GaúchaZH**, 27 de jan. de 2013. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2013/01/incendio-na-boate-kiss-e-o-de-maior-numero-de-mortos-nos-ultimos-50-anos-no-brasil-4024581.html>. Acesso em: 08 ago. 2022.

LIMA, Edvaldo. **Jornalismo Literário para iniciantes**. São Paulo: EDUSP, 2010.

LIMA, Edvaldo. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4. ed. Barueri: Manole, 2009.

LOPES, Janaína. Escritora premiada, Daniela Arbex lança o livro 'Todo dia a mesma noite', sobre a tragédia da Kiss. **G1 RS**, 25 jan. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/escritora-premiada-daniela-arbex-lanca-o-livro-todo-dia-a-mesma-noite-sobre-a-tragedia-da-kiss.ghtml>. Acesso em: 16 mar. 2022.

MAIA, Luiz. A grande reportagem como criação literária: a experiência da Universidade Federal do Paraná. In: **Anais do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**. Guarapuava: Intercom, 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2008/resumos/R10-0239-1.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2022.

MARTINS, Maura. Daniela Arbex conta a tragédia indizível da boate Kiss. **Escotilha**, 29 mar. 2018. Disponível em: <http://www.aescotilha.com.br/literatura/ponto-virgula/todo-dia-a-mesma-noite-intrincada-daniela-arbex-resenha/>. Acesso em: 17 mar. 2022.

MORAIS, Fabiana. Subjetividade: Ferramenta para um jornalismo mais íntegro e integral. **Extraprensa**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 204 – 219, jan./jun, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/download/153247/155192>. Acesso em: 14 ago. 2021.

MOSER, MAGALI. O método da reportagem: um estudo a partir de depoimentos de repórteres especiais. 2021. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

OLIVEIRA, Andresa. O jornalismo literário em tempos de Internet: características do gênero e cobertura jornalística. In: **Anais da Semana da Comunicação Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC/Unesp)**, 2013, v. 1. p. 1-14. Bauru: SECOM, 2013.

OLIVEIRA, Isabella; FONSECA, Ranyere. Jornalismo de profundidade, um desafio aceito pelo Lide. **Lide Jornal**, 17 set. 2018. Lide - Agência Universitária de Jornalismo de Aprofundamento. Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Disponível em: <https://lidejornal.wordpress.com/2018/09/17/jornalismo-de-profundidade-um-desafio-aceito-pelo-lide/>. Acesso em: 06 jun. 2022.

ROSA, Amanda; LIMA, Samuel. Hiroshima: o Jornalismo Literário na obra de John Hersey. In: **Anais do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**.

Porto Alegre: Intercom. 2019. Disponível em:
<https://www.portalintercom.org.br/anais/sul2019/resumos/R65-0520-1.pdf>. Acesso em 7 mai. 2021.

SANTOS, Joana da Silva. **Literatura e Jornalismo literário: semelhanças e diferenças**. 2017. 66f. Relatório de Estágio (Mestrado em Jornalismo) - Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2017. Disponível em:
https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/7860/1/5511_11197.pdf. Acesso em: 12 jun. 2022.

SILVEIRA, Ada (org.). **Midiatização da tragédia de Santa Maria**. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2014. Disponível em:
<http://comunicacaoeidentidades.wordpress.com/2014/01/20/midiatizacao-da-tragedia-de-santa-maria-e-book/>. Acesso em: 31 de out. 2022.

TREZZI, Humberto. “Esquecer seria negar a história”, diz autora de livro sobre a Kiss. **GaúchaZH**, 19 jan. 2018. Disponível em:
<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2018/01/esquecer-seria-negar-a-historia-diz-autora-de-livro-sobre-a-kiss-cjckwviit02k301phvlzcyk7v.html#:~:text=Vejo%20um a%20cidade%20t%C3%A3o%20marcada,de%20cidadania%20e%20de%20coragem>. Acesso em: 16 mar. 2022.

VEJA vítimas do incêndio na boate Kiss, em Santa Maria (RS). **Uol**, 27 jan. 2013. Disponível em:
<https://noticias.uol.com.br/album/2013/01/27/veja-vitimas-do-incendio-na-boate-kiss-em-santa-maria-rs.htm?foto=77>. Acesso em: 08 ago. 2022.

WEISE, Angélica Fabiane. Para compreender o jornalismo literário. **Observatório da Imprensa**, 22 jan. 2013. Diretório Acadêmico. Disponível em:
https://www.observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/_ed730_para_compreender_o_jornalismo_literario/. Acesso em: 07 abr. 2022.